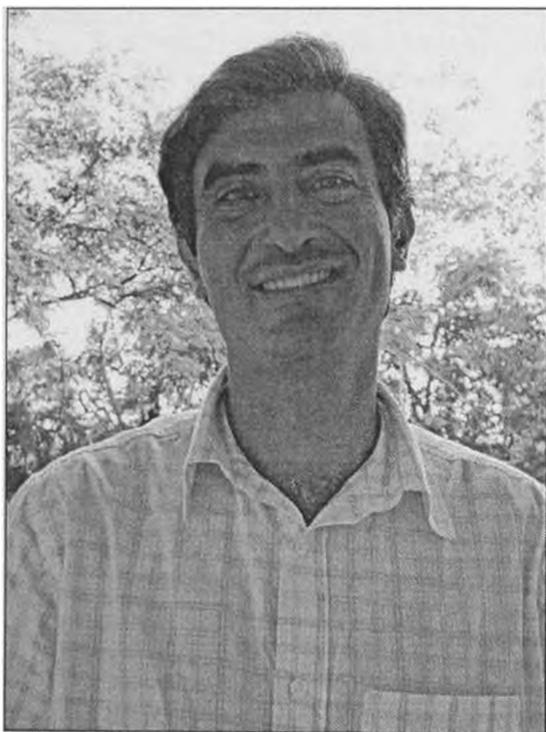


JAWDAT ABU-EL-HAJ

## *Memórias das revoluções pessoais de um palestino que vive no Ceará*



*Uma cultura diferente. Uma vida fascinante. Jawdah viaja pelo tempo, relatando histórias da infância no Oriente Médio e como veio para o Ceará.*

Entrevista com  
Jawdat Abul-El-Haj, em  
21/05/2005  
Produção, redação e  
edição final:  
Amanda Bezerra, Juliana  
Sousa e Natália Poiva  
Texto de abertura:  
Fernando Ramos  
Participação:  
Camila Vieira, Ciro  
Câmara, Cristina Carneiro,  
Daniel Sampaio, Fernando  
Ramos, Humberto Leite,  
Juliana Colares, Karine  
Wanessa, Marcos Edson  
Cavalcante, Maria Rita  
Ferreira, Paulo Júnior Pinheiro  
e Tarciana Campos  
Foto: Igor Grazianno

**C**orria, corria, corria. Saía da escola à manifestação e depois corria voltando para casa. Corria não das balas de borracha, que não existiam, ou de uma ameaça ingênua. Corria do gás lacrimogêneo e dos tiros, estes bem reais, que partiam do lado do estranho que invadira aquela sua terra com armas. Enquanto esses não atiravam, o seu lado ataçava. Em meio à manifestação estudantil, a revolução era feita com garrafas de Coca-cola – uma chuva de coquetéis molotov bombardeava o exército israelense. Entretanto, toda ação exige uma reação e por causa disso o garoto palestino corria. Era o que podia fazer. Corria, corria e corria até chegar em casa.

Um dia, junto ao suor, veio o sangue. Aos 16 anos, Jawdat Abu-El-Haj levou um tiro nas costas durante uma manifestação. Só percebeu quando sua família apontou a camisa ensanguentada. Um médico, vizinho dele, declarou: foi pistola ou revólver, mas a bala não cravejou. Foi sorte um tiro de longe naquele que é, talvez, um dos mais antigos campos de batalha da humanidade: Jerusalém, cidade santa, de muitos donos e, ao mesmo tempo, de nenhum.

A lembrança dessa Jerusalém Jawdat ainda carrega na cicatriz que lhe deixaram nas costas. Entretanto

a Jerusalém de hoje, apesar de ainda imersa em tantos conflitos, parece-lhe mais provinciana e entediante. Os tempos mudam, as pessoas mudam e assim o seu redor. Jawdat não pôde mudar ao lado de sua terra. Afinal, após uma bala, que pai não desviaria o caminho de um filho para quem o destino reservaria uma morte quase certa por ali?

O drible colocaria a América na rota do garoto palestino. A contragosto, é verdade, mas era o jeito. Naquele momento, ficou de lado a política que ele aprendeu a gostar a partir da convivência entre os funcionários do hotel do avô dele – palestinos pobres, refugiados, conscientes de sua condição e de sua luta por uma terra própria. Por um tempo estudou Matemática – mais um capricho concedido ao pai traumatizado – para só depois retornar à trilha da carreira que estava destinada à vida dele.

Pulando alguns capítulos desta história, ficamos sabendo que Jawdat se tornou professor. Curioso é saber onde. Ao invés de fazer uma trajetória acadêmica por centros famosos, como seria natural esperar, alguém com experiências tão ricas e formação tão sólida acabou preenchendo os quadros do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). *Você basicamente vai morar onde o destino te joga.* Foi lá que os conhecimentos dele encontraram espaço para frutificarem. É lá que, através de opiniões, idéias e visões de mundo – constantemente expostas e postas à prova pelos estudantes –, ele procura atingir de forma incisiva a sociedade. É lá que tenta ser útil, colaborando para uma efetiva transformação da nossa extremamente desigual realidade.

Quem o vê discorrer sobre assuntos complexos (que vão dos globais conflitos árabe-israelenses à peculiar História do Ceará) tão tranquilo e pacificamente, talvez, não imagine as inquietações deste homem que desmitifica o fato de ser árabe e o faz parecer um mero acaso. Nada de exotismo, nada de machismo, nada de uma estereotipada intransigência oriental tendo de conviver em um Brasil moralmente liberal. Somente um homem estudioso, reservado e caseiro (como poderia ser qualquer outro brasileiro, alemão ou chinês) sem uma definição muito clara de sua identidade nacional. Nem 100% palestino, nem 100% americano, nem 100% brasileiro. *Parte dos três e de nenhum dos três.*

Talvez, para si próprio, é parte fundamental apenas de uma família que construiu, da esposa aos dois filhos. Talvez ainda não tenha percebido a real importância que a sua parte, embora limitada, tem para nosso país. Sua parte faz-nos pensar, entender e, por fim, transformar e mudar uma sociedade repleta de contradições. Assume assim, por excelência, não a mera função de professor, expressão já banalizada por qualquer um que impõe seus conhecimentos como superiores aos do outro. Por estas terras, nossa personagem é mais: nosso árabe é *mestre*.

**Natália** – Em 1978, você terminou o segundo grau em Jerusalém. Devido ao seu envolvimento político-estudantil, você falou que o seu pai pediu encarecidamente para você estudar fora, nos EUA (EUA), de preferência um curso de Ciências Exatas. Daí você acabou optando por Matemática. Eu queria saber qual era esse seu envolvimento político-estudantil, como você atuava politicamente em Jerusalém.

**Jawdat** – Na verdade, não era um grande envolvimento. Era movimento estudantil, de segundo grau, basicamente fazendo algumas manifestações. Na época, os confrontos não eram tão violentos como agora. Foi mais ou menos dez anos depois da ocupação militar (após a Guerra dos Seis Dias, que resultou na expansão dos territórios israelenses em 1967, a cidade de Jerusalém foi unificada sob domínio do Estado de Israel, que a anexou a seu território e proclamou-a capital “eterna e indivisível” de Israel, sob protestos internacionais). A ocupação começa em 67 e, no início, era mais leve. Ela começa a se tornar bem mais violenta na década de 80, principalmente a partir de 87 com a primeira Intifada (Rebelião de jovens palestinos da Cisjordânia e de Gaza, que durou de 1987 a 1993).

Na minha época, havia muitas manifestações, mas era uma coisa leve: abaixo-assinado contra a ocupação, às vezes contatos com jornalistas para mobilizar a opinião pública contra a ocupação israelense, mas nada de grandes confrontos como está acontecendo agora.

Eu queria estudar, como muita gente, na Universidade Americana de Beirute, que é mais ou menos o centro onde você estuda no Oriente Médio. E Beirute (capital do Líbano) era uma cidade, na época, muito tensa. Então, meu pai decidiu que eu precisava deixar o Oriente Médio e me dedicar aos estudos, e me enviou aos EUA, onde meu tio morava, na Califórnia.

**Raquel** – Você aceitou essa decisão do seu pai resignadamente? Houve alguma resistência da sua parte, algum desentendimento?

“... era uma coisa leve: abaixo-assinado contra a ocupação, às vezes contatos com jornalistas para mobilizar a opinião pública”.

**Jawdat** – Foi difícil, porque eu fui em junho e a universidade começava em setembro. Eu não fui para fazer faculdade. Na verdade, eu fui visitar os meus tios. Eu fui com ele (o pai), minha mãe e os irmãos. Em agosto, saíram os resultados do vestibular e as notas me habilitaram para entrar na universidade. Então, lá, em setembro, ele falou: “Não, você não vai voltar, você vai ficar no dormitório (referência), mas vai poder visitar os seus tios”. Eu não quis, mas não tinha muita opção. Tinha 17 anos, na época. Ele falou: “Não volta e acabou”. E, de fato, eu não quis ficar nos EUA.

**Giselle** – Você cresceu numa região onde sempre houve conflitos, menos ou mais intensos. Eu queria saber de onde surgiu esse interesse pela política, se foi

da família, se foi do meio... Como surgiu esse interesse pela política na sua vida?

**Jawdat** – Na verdade, minha família sempre foi antipolítica. Meu avô, principalmente, tinha horror à política porque, no Oriente Médio, participar da política é algo muito perigoso. No caso com os israelenses, o medo seria o de colocar essa pessoa na cadeia etc. Mas, apesar de hoje estar mudando, na época você tinha regimes muitos fechados, e envolver-se com a política significava que as pessoas poderiam sofrer, a família poderia sofrer uma certa retaliação. Então, minha família não quis saber da política. Inclusive, acho que o único formado em Ciências Políticas foi quem teve algum envolvimento político.

Eu acho que o meu interesse na política veio a partir dos meus contatos com as pessoas que trabalhavam no hotel do meu avô. Elas eram, basicamente, não de Jerusalém, mas da periferia, e elas tinham muita militância política. Eu achava isso uma coisa muito interessante. Eram pessoas extremamente acessíveis, de quem eu gostava muito. Então, eu visitava muito as casas delas – que viviam, muitas, em campos de refugiados – e elas começavam a falar de suas vidas, de onde vieram, a memória de seus avós daquela cidade de onde foram expulsos... Então, para mim, isso era uma alimentação política muito importante naquele momento.

**Giselle** – Com que idade?

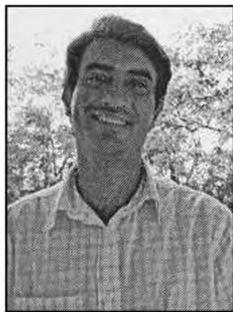
**Jawdat** – Eu acho que eu comecei a ter esse interesse em torno de 13 para 14 anos até 17, 18...

**Juliana** – Jawdat, existia, na escola, uma convivência



Jawdat Abu-El-Haj nasceu em 16 de setembro de 1961.

Seus pais são Ahed e Afaf Abu-El-Haj. Jawdat é o primogênito entre três filhos.



A ele, segue o irmão Rifa, de 37 anos e Nasser, de 32.

com pessoas de outras religiões, diferente do que acontecia nos bairros, com a divisão em bairros muçulmano, judeu e cristão. Esse tipo de relação social o influenciou a se interessar por política?

**Jawdat** – Não, não existe bairro muçulmano e cristão. Existem o lado palestino e o lado israelense. O lado palestino é misturado, tem cristãos e muçulmanos. No meu prédio, por exemplo, os vizinhos eram cristãos também. Então, não tem uma segregação; ela é muito mais forte no caso do Líbano, onde há uma segregação muito clara das religiões. No lado palestino, não há essa separação, exceto a de israelenses/palestinos, os israelenses que entrassem seriam judeus, de religião, mas seria uma separação mais nacional do que religiosa.

**Natália** – Mas existe uma segregação social, porque você, na pré-entrevista, falou que, apesar de estudar na mesma sala de aula, não tinha nenhuma relação de amizade com cristãos...

**Jawdat** – Não, com cristãos não (havia segregação), na minha sala de aula havia muitos cristãos.

**Natália** – Mas de ter relações de amizade, ser amigo de ir pra casa...

**Jawdat** – Claro, claro!

**Raquel** – Mas com israelense, não.

**Jawdat** – Não!

**Raquel** – Sempre houve uma barreira intransponível.

**Jawdat** – Sim, eu acho que sim. Até hoje as relações não são cordiais, são relações por necessidade de sobrevivência, de precisar estabelecer relações de troca na economia ou no comércio por razões buro-

cráticas, administrativas. Mas dizer que há relações de amizade entre israelenses e palestinos... Jamais teria isso enquanto há ocupação militar. Talvez depois, quando houver o Estado Palestino e o Estado Israelense convivendo de forma igual, tudo bem, podem até surgir aos poucos, como aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial entre alemães e franceses, alemães e belgas etc. No momento, acho que é muito difícil, quase impossível; não tem clima. Existe muita violência entre os dois lados.

---

"... tinha regimes muitos fechados, então se envolver com a política significava que as pessoas poderiam sofrer, a família poderia sofrer".

---

**Giselle** – Mas, para crianças e adolescentes, já é ensinado isso?

**Jawdat** – Não têm contato, não têm. Crianças palestinas raramente têm contatos com crianças israelenses. Na década de 90, depois do Acordo de Oslo (em 1992, Yasser Arafat e Shimon Peres, líderes palestino e israelense, respectivamente, realizaram negociações secretas de paz na Noruega. No ano seguinte, assinaram nos EUA o Acordo, que possibilitou a instauração de um governo autônomo palestino em Gaza e Jericó. O acordo de paz definitivo deveria ser concluído cinco anos depois, o que não ocorreu), houve uma tentativa de criar certos laços, de criar campos de verão, futebol etc., contatos mais esportivos. Em 99, isso entrou em colapso com a Intifada

(Jawdat confundiu-se. A Segunda Intifada começou em outubro de 2000 como resposta do povo palestino ao fracasso nas negociações de paz. O estopim para seu início foi a visita do então general israelense Ariel Sharon e dois mil soldados de seu exército à Esplanada das Mesquitas) e hoje não há mais contato.

**Giselle** – Eu queria só pedir que você desse um exemplo de movimentação política enquanto você ainda estudava em Jerusalém.

**Jawdat** – Tudo bem. Às vezes, a gente pensa que o lado palestino tem uma única organização. O lado palestino tem 28 partidos. Então, existem partidos de todas as ideologias possíveis. Há partidos que hoje são fortes, mas não muito, porque inclusive nas últimas eleições eles perderam feio – no caso, seriam os fundamentalistas. Há os nacionalistas, que são o grupo mais sólido, e a esquerda, com uma variedade muito grande de espécies de marxismo. O grupo mais importante, maior e mais sólido, o Al Fatah (facção político-militar de caráter anti-sionista e antiimperialista, criada no fim da década de 50, com vistas à luta pela criação de um Estado palestino), que seria o grupo nacionalista de centro-equivalente, na época do regime militar (brasileiro), ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) – era aquela frente ampla de pessoas que acham que deveria ter um Estado palestino, mas, no fundo, nós não temos uma certa clareza sobre a ideologia deles. Eles têm uma certa visão mais nacional, de autodeterminação, mas de-

Jawdat tem dois filhos: Ahed, 11 anos, e Gabriela, 17 anos.

pois, com isso, provavelmente eles vão ter problema em encontrar alguma ideologia muito clara para governar esse Estado. Isso é típico de partidos de oposição contra uma força política muito clara, no caso, o regime militar, a ocupação militar. Você vai ter essa força centrada que aglutina um número muito grande de pessoas de classe média, de empresários, de médicos, de operários, de camponeses etc. Mas depois, aos poucos, você vai ter uma diferenciação interna.

**Raquel** – *Oficialmente, você não fazia parte de nenhum?*

**Jawdat** – Eu, na verdade, era próximo da esquerda, um pouco próximo do Partido Comunista; tinha uma certa simpatia, mas nunca fui de carteirinha. Também tinha uma certa simpatia pelo grupo da Frente Popular, que era, na época, um grupo mais ou menos de linha pró-cubana, que tinha uma noção de convergência entre o socialismo e o nacionalismo. Mudou agora.

**Raquel** – *Mas eram movimentos de resistência armada?*

**Jawdat** – Na época, não; eram mais protestos. Agora sim, a Frente Popular hoje apóia a luta armada.

**Raquel** – *Você acha que, se tivesse permanecido em Jerusalém, teria se envolvido num grupo, numa facção dessas, como tantos adolescentes, na época, da sua idade? Talvez, por conta disso, o seu pai já quis tirá-lo daquele estopim e mandá-lo para os EUA?*

**Jawdat** – Sim, talvez. Outro dia, estava conversando com a Mônica (*Façanha, sua atual esposa*), dizendo que talvez eu não estaria vivo (*rin-*

*do*) se o meu pai não tivesse me enviado para os EUA; mas ninguém sabe também.

**Raquel** – *Poderia até ter sido um kamikaze (termo que adquiriu o sentido de ataque suicida, ato frequente entre os pilotos de avião japoneses durante a Segunda Guerra Mundial)?*

**Jawdat** – Não, eu não chegaria a ser kamikaze, acho até que é uma perda de energia se matar. Mas olha, a luta armada é legítima quando você está resistindo à ocupação militar. Esse é um direito de todos os povos. Então, faz parte.

---

“Até hoje as relações não são cordiais, são relações por necessidade de sobrevivência, de precisar trocar na economia ou no comércio”.

---

Como a ocupação militar é militar, militarizada e violenta, a resistência às vezes vai assumir essa forma.

**Raquel** – *A reação também vai ser violenta...*

**Jawdat** – Vai, claro. Isso aconteceu em todo canto e não é exceção no caso palestino. Isso aconteceu na Europa, com as ocupações nazistas e fascistas, aconteceu na Ásia e até na época da Independência do Brasil aconteceu. (*o professor se refere aos movimentos nativistas que ocorreram em diversas regiões brasileiras no início do século XVIII e também às Inconfidências Mineira e Baiana, às portas do século XIX*) Então, eu acho que a luta pela autodeterminação às vezes pode, sim, tomar formas violentas. Como a ocupação é militar, a subjugação é violenta,

é militar; a resistência vai, aos poucos, se caminhando nessa direção.

**Érika** – *O seu pai era contra sua vida politizada especificamente em Jerusalém ou que você tivesse esse tipo de experiência a despeito do lugar?*

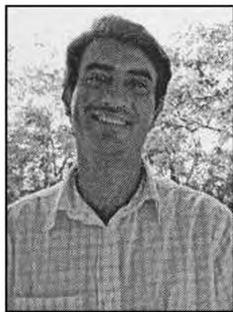
**Jawdat** – Não, meu pai era contra política e pronto (*rin-do*). Ele achava que a política era algo profano, que eu não deveria participar. Eu achava que a política era essencial. No fundo, como tentei explicar na primeira parte da entrevista (*referência à pré-entrevista realizada pela equipe de produção*), eu não tive muitas atividades políticas na minha vida como aluno da Universidade, nos EUA, porque, de fato, o clima não era politizado. As universidades americanas, na época, não eram politizadas. Havia alguns protestos contra a direita que estava crescendo nos EUA, na época do Reagan (*Ronald Reagan, ex-presidente norte-americano que governou de 1981 a 1989 pelo Partido Republicano, tido como conservador*), mas não eram tão intensos quanto os que eu enfrentava no Oriente Médio. A política americana é menos ideológica, menos intensa do que no Oriente Médio. Então, eu fiquei, de fato, um pouco decepcionado. Passaram-se os quatro anos sem muita animação. Na pós-graduação, eu teria um pouco (*de vivência política*) porque entrei em uma nova área, e o grupo de estudos do qual participava na Universidade era bem mais politizado. Mas na graduação não foi muito interessante, não.

(*Três entrevistadoras tentam fazer uma pergunta ao mesmo tempo. Risos.*)



Jawdat casou-se duas vezes. Há 14 anos é casado com Mônica Façanha, socióloga e professora de Pedagogia da Uece, mãe de Ahd.

A primeira esposa de Jawdat, Regina Farias, mãe de Gabriela, é prima da estudante Amanda.



Quando Regina engravidou, Jawdat avisou que, se fosse um menino, o nome da criança seria Ahed, em homenagem ao seu pai. Se fosse menina, Regina poderia escolher o nome.

**Giselle** – Durante esses quatro anos nos EUA, você teve algum contato com a questão palestina?

**Jawdat** – Muito pouco, muito pouco. Na época, tinha algumas atividades em outra cidade maior, Los Angeles. Lá, havia uma comunidade palestina que fazia, às vezes, jantares, e o dinheiro ia para os campos de refugiados, mas nada muito intenso. Algumas palestras, mas não muitas.

**Amanda** – Você estudou em uma das universidades que teve o maior movimento estudantil anti-Guerra do Vietnã (conflito armado no Vietnã que durou de 1961 a 1975 no qual guerrilheiros nativos do norte do país, chamados vietcongues, enfrentaram tropas sul-vietnamitas e norte-americanas com o objetivo de unificar o país), que foi em Berkeley. E, quando você chegou, havia três anos após o fim da guerra. A memória política de um povo é mesmo assim tão curta?

**Jawdat** – É curta. Eu tive contato com um professor meu que trabalhou com aquele... Talvez vocês não lembrem, mas em 74, Daniel Ellsberg, um funcionário de uma instituição nos EUA que faz pesquisas para o Pentágono (*Departamento de Defesa dos EUA*) – a Rand Corporation – era analista no departamento da Ásia, naquela região do Vietnã. Ele publicou os chamados “Documentos do Pentágono” (*Pentagon Papers, documentos confidenciais encontrados nos arquivos do Pentágono que foram publicados pelo jornal The New York Times no começo da década de 70*). Por incrível que pareça, o secretário de Defesa da época

é o mesmo atual, o (*Donald*) Rumsfeld. Eles (*o Pentágono*) publicaram muitos dados mentirosos sobre o Camboja – porque na época a guerra passou do Vietnã para Camboja. Começaram a bombardear o Camboja com a alegação de que o país estava fornecendo armas e permitindo a entrada dos vietcongues via Vietnã.

Então, quem participou com ele na publicação (*dos Documentos do Pentágono*) foi um professor meu – inclusive visitou a gente – chamado Mel Gurtov. Mel era

---

“Estava conversando com a Mônica, dizendo que talvez eu não estaria vivo se o meu pai não tivesse me enviado para os EUA”.

---

professor de Relações Externas Americanas e era, mais ou menos, daquela geração da guerra. Durante o verão, eu ficava sempre na casa dele porque ele passava o verão num outro Estado. Ele era uma pessoa muito ativa, de origem judaica, mas muito, muito... Assim, bem militante, e passou muito tempo maoísta – porque durante a Guerra do Vietnã muitos jovens americanos foram influenciados também pelos vietcongues. Eles começaram a perceber que, talvez, essa seria a salvação da humanidade, seria um novo socialismo.

Mas, em geral, os jovens americanos perderam sim o contato com a guerra, esqueceram a guerra. Ficou essa memória nas universidades, nos núcleos da esquerda. Mas, no geral, a sociedade americana tem essa mania. Ela apa-

ga da memória alguns eventos considerados fracassos e isso, talvez, influencia de forma negativa, fortalecendo aquela grande expectativa de que sempre os EUA não eram, de que sempre vão conseguir resolver as questões e de que sempre vão ser uma grande potência. Os jovens americanos da década de 70 se tornaram muito conservadores. A grande maioria dos meus colegas, na sala de aula, votava no Reagan. Era a nova direita, bem mais direita do que no passado.

E a minha Universidade não era considerada direita. O campus onde estudei era considerado de esquerda. Inclusive, lá tem um núcleo de economistas radicais da esquerda que publicou uma revista muito importante nos EUA, a “Review of Radical Political Economists”. Então, era um campus considerado de esquerda na Califórnia; não era um campus clássico, tradicional, e os alunos eram bem conservadores. Eu lembro, eram chamados “preps”. “Preps” são os alunos que saem das escolas particulares, as “prepschools” (*abreviação da expressão inglesa “preparatory schools”, que significa escolas preparatórias*), que é mais ou menos a escola de classe média, classe média alta. Era uma onda muito importante de se vestir bem certinho, de falar bem certinho, de cortar o cabelo certinho. Todo mundo era bem certinho (*rindo*). Os mauricinhos!

**Raquel** – Então, por causa disso, não houve muito choque cultural de Jerusalém pra lá?

**Jawdat** – Eu, na verdade, nunca tive choque cultural porque Jerusalém é uma cidade

A Bá da família de Regina torceu para que fosse menina. Muita irreverente, ela temia que os colegas do garoto, na época da escola, caçoassem com a pronúncia do nome, gritando: “arrede daqui!”. Em bom “cearês”, “arrede!” é uma expressão nada polida para expulsar alguém do recinto.

em que há quase todas as nacionalidades do mundo. Como a cidade é central no conflito, você encontra gente das Nações Unidas, e parte grande da minha família, desde a década de 50, mora nos EUA. Todos os primos que visitavam a gente no verão eram americanos. A gente brigava muito com eles porque eles eram muito prepotentes (*rindo*).

**Giselle** – Hoje em dia a gente sabe que, depois do ataque de 11 de setembro, os árabes, os palestinos sofreram muito preconceito nos EUA. Naquele tempo também era assim?

**Jawdat** – Não. Na época em que houve um problema no Irã – o seqüestro daqueles funcionários da embaixada americana por estudantes iranianos que pularam os muros e passaram quase dois meses mesmo após uma tentativa de resgate... (o professor se refere ao seqüestro de 66 cidadãos e diplomatas norte-americanos, mantidos como reféns na Embaixada Americana do Irã pelo novo governo instituído após a Revolução Iraniana de 1978 durante 444 dias). Naquele momento houve um surto, porque o iraniano era também parecido com o árabe, ou seja, não tem muita diferença. Não são árabes, mas são parecidos, igual um brasileiro e um, sei lá (*rindo*), argentino, um mexicano... Para um americano não tem muita diferença. Naquele momento, houve um certo aumento do sentimento antiiraniano. Eu não sei como é o clima agora; eu não voltei para os EUA desde 97, mas tenho contato com colegas que estudaram comigo e com alguns professores. Eles falam que, de fato, o clima é muito tenso. Eles têm medo da

vigilância das instituições de segurança.

**Giselle** – Você chegou a sofrer algum tipo de preconceito, na universidade?

**Jawdat** – Não. Como você vive num ambiente universitário, você é relativamente protegido. Não existe contato com pessoas que possam ter aquelas visões preconceituosas. Pode ser que tenha discriminação nas universidades, mas não é uma coisa muito clara, muito óbvia. Eu não senti isso porque, talvez, eu também não procurava descobrir se estava sendo discriminado ou não

“Não, eu não chegaria a ser kamikaze (...) Mas olha, a luta armada é legítima quando você está resistindo à ocupação militar”

(*rindo*). Eu não sentia, mas agora pode existir sim. Talvez agora o clima seja bem mais difícil do que no passado. Há uma certa visão de que os EUA estão sendo invadidos e isso talvez crie neles uma certa paranóia que é muito forte na sociedade americana. Ela é uma sociedade paranóica e quando há paranóias coletivas pode ser que haja uma coisa muito séria e difícil de superar; se superar vai levar muito tempo para sair desse clima.

(Mais uma vez, mais de uma pessoa tenta fazer uma pergunta ao mesmo tempo)

**Juliana** – Você afirmou que só durante o doutorado em Ciências Políticas pôde recuperar a vida politizada. Você encontrava algumas saídas durante a graduação nos EUA, quando disse que tinha uma vida não-politizada?

**Jawdat** – Ah, eu jogava nas equipes de futebol, de racketball (jogo parecido com o squash, entretanto mais lento), (*rindo*) era uma vida estudantil bem (*ênfatisa*) estudantil: uma vida sem política com, basicamente, uma festa diferente todo sábado. Estuda-se muito, porque há uma demanda muito grande de estudos, e não existe tempo para fazer outra coisa. Então, é uma universidade que demanda praticamente sete, oito horas por dia de estudo. A gente saía da sala de aula para a biblioteca, da biblioteca para o dormitório, do dormitório para a sala de aula e daí para a biblioteca. A gente comia na universidade.

Era um campus quase isolado, um pouco afastado da cidade, em que praticamente se vive toda a sua vida. O cinema é na universidade; a farmácia, na universidade; as festas, na universidade; ninguém precisava de carro. Eu morava no dormitório, como basicamente todos os americanos que vão para a universidade e até os alunos que são da mesma cidade. Eles saem de casa para ter uma vida universitária. Isso significa que eles têm uma vida autônoma dos seus pais, eles se cuidam, não têm mais pai atrás. (*rindo*) Esse é, mais ou menos, um campus universitário típico americano, aquele em que você é isolado do mundo para estudar.

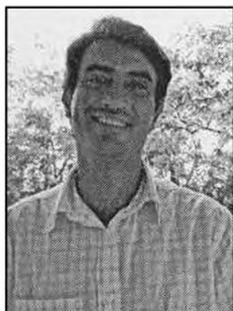
**Raquel** – Eu queria só saber se foi o seu pai que bancou a faculdade ou se você precisava trabalhar?

**Jawdat** – É, na graduação sim (o pai pagava). Meu pai morreu no primeiro ano da pós-graduação, em 84. Então, eu pedi uma bolsa da universidade. Meu pai tinha dinheiro,



O título da tese de doutorado defendida por Jawdat em 1987, na Universidade de Berkeley, foi *Desenvolvimento do Capitalismo no Nordeste do Brasil: Proletarização e a Formação da Classe Trabalhadora*.

Mônica esteve presente durante toda a entrevista. O seu olhar estava constantemente fixo no marido, mesmo quando outra pessoa falava.



A esposa de Jawdat o ajudou na explicação de alguns episódios que ficaram confusos para a turma.

mas não tanto para bancar a minha educação e também de toda minha família, depois de morrer. Na época, tinha a oferta para estudar em outro campus, de Los Angeles. Eu barganhei com eles (*em Berkeley, onde fez a graduação*); disse que ficaria, mas que não teria condições de pagar. Eles foram, realmente, bem solidários. Cancelaram as minhas mensalidades, e eu comecei a trabalhar como monitor. Praticamente, minha pós-graduação foi bancada pela universidade. Na época, os estrangeiros pagavam e os americanos não pagavam – agora pagam. Não pagam igual ao estrangeiro, mas pagam uma parcela muito cara.

**Natália** – *Jawdat, você fala que em determinado momento da sua pós-graduação teve duas escolhas: ou continuava no campus em que você estava, com o seu orientador (Ronald) Chilcote, que era um latino-americanista, ou mudaria de campus e estudaria uma outra área. No caso, você recebeu a oferta de monitoria, mas teria outras áreas a se pensar. O que fez que você ficasse nessa área e resolvesse estudar a América Latina?*

**Jawdat** – Na verdade, foi muito mais o professor e o grupo de alunos ligados a ele do que a área. Ele é uma pessoa muito acessível, muito simpática, e era um professor muito popular. Naquele departamento, havia 15 professores de Ciências Políticas; acho que ele tinha mais da metade dos alunos de doutorado. Ele era uma pessoa muito querida e muito conhecida em sua área. É considerado, talvez, um dos mais importantes cientistas

políticos dos EUA. Ele tem livros importantes, clássicos que são ensinados nas melhores universidades. De fato, eu não tinha por que deixar aquela universidade. Ele disse que não teria condições de orientar teses sobre outras regiões, então a minha opção seria fazer a tese sobre a América Latina, de preferência o Brasil, porque, naquele momento, ele estava estudando o Nordeste do Brasil.

**Amanda** – *O interesse pelos conflitos árabe-israelenses ficaram de lado? Você não tinha interesse de estu-*

---

**“Não tive muitas atividades políticas na minha vida como aluno da Universidade, nos EUA, porque, de fato, o clima não era politizado”.**

---

*dar e talvez voltar para Jerusalém?*

**Jawdat** – É, eu tive. Eu até pensei: “Depois da tese, eu posso voltar”. Mas eu queria voltar para uma universidade chamada Bir Zeit (*situada na cidade de Ramallah*). Essa universidade é particular e, na época, não tinha uma vaga. No entanto, um professor estava indo para os EUA. Eles disseram que no ano seguinte, quando ele estivesse saindo, eu poderia talvez ocupar a vaga dele. Foi logo quando comecei aqui em Fortaleza (*Jawdat conseguiu uma vaga de professor visitante na Universidade Federal do Ceará em 1986*). Depois eu fiquei renovando (*o contrato de professor*) e nunca mais entrei em contato com eles, mas eu pensei em voltar. Minha mãe estava meio desesperada porque

eu sou o filho mais velho e ela achava que eu deveria voltar, porque ela estava lá sozinha com os irmãos mais novos. Eu decidi que iria procurar outro caminho (*rindo*).

**Raquel** – *Professor, em relação ao seu pai. Podemos perceber que, de certa forma, ele exerceu um controle muito grande em relação às suas pretensões profissionais. Primeiro, mandando que o senhor fosse estudar nos EUA. Segundo, interferindo na sua carreira profissional, porque ele tinha o desejo que o senhor seguisse a carreira das Ciências Exatas. Quando o senhor mudou da Matemática para as Ciências Políticas foi um grito de liberdade, um grito de independência, uma certa forma de dizer “daqui em diante, quem manda na minha vida sou eu”?*

**Jawdat** – (*rindo muito*) O meu pai é muito parecido comigo. (*risos*) Eu falo “não faça isso”, mas se meu filho chegar e falar “Não, eu não vou, eu vou fazer outra coisa” eu provavelmente não vou conseguir reverter, assim como também o meu pai. Eu acho que entrei nessa área dizendo “tudo bem”, porque a graduação nos EUA não é uma coisa muito amarrada e se tem muita liberdade para estudar outras áreas. Então, existe essa possibilidade de estudar política, história, geografia. Eu fiz disciplinas em todas as áreas possíveis. Você não estuda matemática e só estuda matemática. Dependendo de como se cria o seu currículo, pode-se ter acesso a outras áreas, outras disciplinas. E foi isso que aconteceu comigo. Por essa razão, quando entrei com o pedido para

Jawdat, em vários momentos da entrevista, citava a esposa lembrando algumas viagens ou episódios familiares e confirmava com ela alguns sobre os quais tinha dúvida.

fazer doutorado em Ciências Políticas não foi difícil, foi muito fácil, porque eu já tinha várias disciplinas. Eles pediram duas disciplinas avançadas, eu fiz um semestre e pronto. O programa americano é mais flexível, não tem um currículo muito amarrado. Há uma diversidade muito grande de disciplinas. O aluno sai com bacharelado em Ciência Política, mas ele pode fazer também Matemática, outras disciplinas. Não tem problema.

**Gabriel** – *Em relação à sua graduação nos EUA. Como essa experiência de estar num país politicamente estável, dentro de uma universidade onde há uma convivência tranquila com esportes e de festas, contribuiu para formar o cientista político e o militante?*

**Jawdat** – É uma boa pergunta. Estuda-se muito nos EUA, existe uma pressão muito grande, a demanda é enorme. Agora, às vezes, não há consciência sobre o sentido dos estudos. Estuda-se porque o currículo é feito dessa forma, você tem de cumprir, você tem de tirar notas para passar, mas você não tem uma consciência sobre o que está estudando. Isso é uma coisa que eu aprendi mais no Brasil do que lá, ou seja, você tem vantagem nos estudos brasileiros, nas universidades brasileiras; há uma preocupação muito grande com uma certa prática. A universidade brasileira não é uma academia pura. Ela é uma instituição que tem uma prática política, um contato muito mais intenso com a sociedade, muito mais do que a universidade americana. Isso eu aprendi no Brasil e não teria condições de, talvez, alcançar na universida-

de americana. Uma hora, o aluno americano perde a consciência do sentido dos seus estudos. Ele estuda porque o currículo está bem estruturado, porque há todas as condições para realizar esse currículo e porque existe uma demanda muito intensa de provas. E ele está estudando tudo isso para quê? Para que serve? Uma hora o aluno não sabe.

**Giselle** – *Afinal, qual foi o motivo para a vida não politizada nos EUA? Foi a falta de conversas sobre política nos corredores, foi o estudo exacerbado?*

**“Eu nunca tive choque cultural porque Jerusalém é uma cidade em que há quase todas as nacionalidades do mundo”.**

**Jawdat** – Minha vida lá como aluno?

**Giselle** – *É, você disse que ficou um pouco frustrado com essa vida política nos EUA...*

**Jawdat** – É, eu fiquei, eu fiquei...

**Giselle** – *Mas qual teria sido o motivo desse distanciamento da política?*

**Jawdat** – Se você sai de uma sociedade que é muito politizada, vai para outra na qual não existe política e você gosta de política, então você sente um vazio. Parece que não tem nada o que fazer. É só estudar, estudar, estudar. Uma hora, não existe mais esse ânimo e a pessoa perde o sentido da universidade. Para quê? Tudo bem, é para arrumar emprego. Mas e depois?

**Giselle** – *Qual foi o motivo pelo qual o senhor ficou longe da política?*

**Jawdat** – Porque não tem. Na época, não era uma universidade politizada, ou seja, você não tinha movimento estudantil. Movimento estudantil fazia o quê? Fazia, uma vez por mês, uma exposição de artesanato da região, fazia festas todo sábado – festa de Baco, festa de comida alemã... (rindo) Então, uma hora a pessoa se pergunta: “E agora?”.

**Natália** – *Voltando a essa questão latino-americanista. Você falou que havia duas grandes visões acerca do Brasil nos EUA. Uma era uma visão brasilianista, da direita, que dizia que o Brasil era o país do homem cordial, o país da harmonia étnica. E tinha a visão esquerdista...*

**Jawdat** – Também preconceituosa! (rindo)

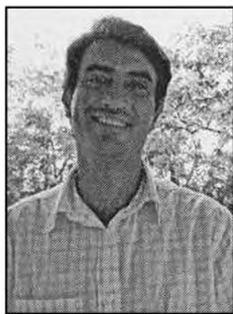
**Natália** – *Também estereotipada, uma visão mais marxista-ortodoxa, que dizia que o Brasil era um espaço de lutas sociais intensas e que estava em um período quase pré-revolucionário. Apesar das dicotomias, qual é hoje a sua visão geral a respeito dessas estruturas e da conjuntura brasileira?*

**Jawdat** – Pois é, eu descobri que o Brasil é um país talvez como todos os outros. Ele tem as suas particularidades, suas especificidades sociais e, de fato, é muito difícil mudar esse país. Isso é o que estou descobrindo agora, depois da experiência do Lula (Luiz Inácio Lula da Silva, eleito em 2002 como primeiro presidente de um partido de esquerda, no caso, o PT – Partido dos Trabalhadores), porque como cientista político, estuda-se que a mudança das elites de uma sociedade é o início da mudança social. Mudam as elites e



A pré-entrevista com Jawdat aconteceu em sua sala, no curso de Ciências Sociais da UFC. Ela era tão pequena que mal couberam três cadeiras para a equipe de produção.

A expectativa era apurar informações em meia hora de entrevista. Entretanto, o papo foi tão bom que durou quase uma hora e meia.



Na pré-entrevista, Jawdat afirmou que lê sobre focos nos momentos de descontração. Foi muito engraçado imaginar um cientista político lendo publicações do tipo.

muda-se a sociedade. Isso, talvez, não tenha acontecido no caso brasileiro. Da década de 80 para cá, existe uma elite dirigente diferente no Brasil, tanto no PSDB (*Partido Social-Democrata Brasileiro, de caráter neo-liberal*) quanto no PT. Não há mais as antigas elites, mas isso ainda não é suficiente para mudar a sociedade. Então, fica-se, de fato, um pouco perplexo.

**Natália** – Por que isso não é suficiente para mudar a sociedade? Por que não mudou?

**Jawdat** – Pois é... Talvez porque todo mundo tem medo de mudar. Talvez um presidente como o Lula, que tem toda legitimidade para mexer com a sociedade, não tomou a decisão de romper com as práticas tradicionais.

**Natália** – A despeito do cargo institucional, será que ele tem essa legitimidade toda?

**Jawdat** – Eu acho que tem, eu acho que ele tem a opção de não fazer alianças com elites tradicionais, conservadoras, ou de ter um programa muito mais direcionado a um contato mais intenso com a população. Ele tem essa opção, mas optou pelo lado mais seguro, pelo lado mais fácil, de fazer pactos com forças que não avançam neste país.

**Raquel** – Mas não foi para garantir a governabilidade?

**Jawdat** – Sim, mas essa governabilidade, aparentemente, virou um grande empecilho também à mudança. A governabilidade é importante, mas para quê? Para que o poder serve? O Lula foi eleito para mudar. Não é que ele vá implodir todas as instituições desse país, mas implodir aquelas que, de fato, não servem mais a qualquer propósito para

o avanço desse país. Isso é importante. A governabilidade não pode ser o único objetivo da existência de algum governo. Esse é o problema.

Parece-me que a esquerda está traumatizada com sua experiência na América Latina. Acho que, principalmente, a experiência do Allende, no Chile (*Salvador Allende, primeiro presidente latino-americano eleito, em 1970, com um projeto de governo socialista. Três anos depois, foi deposto por um golpe militar*), é uma experiência traumática, angular com o Brasil.

---

**"Meu pai tinha dinheiro, mas não tanto para bancar a minha educação e também toda minha família depois de morrer".**

---

É aquela noção de um presidente reformista que chega ao poder e quer mudar um pouco a sociedade, mas sofre com uma oposição muito violenta. De fato, a sociedade, na hora 'H', não saiu e apoiou essas reformas, as pessoas que ocuparam esses cargos para modificar a sociedade (*no caso chileno*). Acho que este é o medo da esquerda do Brasil, mas eu acho ele é hoje um outro país. Não é o mesmo de 64 (*ano em que se deu o golpe militar brasileiro*). Quarenta anos atrás, o Brasil era bem mais conservador, bem mais confuso em termos da sua própria identidade. Hoje ele é um país mais seguro e que aceita essas mudanças; acho que ele está até pedindo mudanças. As reações dessa população em relação ao Lula e até mesmo em relação à

Luizianne (*Lins, eleita prefeita de Fortaleza, em outubro de 2004, pelo PT, após enfrentar oposição à sua candidatura por seus partidários*) é interessante. O povo está querendo uma ação mais contundente, mais enérgica, e ele não está encontrando isso.

**Natália** – Jawdat, você falou que nunca foi filiado a nenhum partido político aqui no Brasil, mas tem uma proximidade com os partidos de esquerda, como PSB (*Partido Socialista Brasileiro*), PT e PCdoB (*Partido Comunista do Brasil*), que compõem hoje a base aliada do governo. Esses partidos podem ainda ser considerados de esquerda? Depois do governo Lula, e até mesmo da Luizianne, o que se configura como esquerda, hoje, no Brasil?

**Jawdat** – Acho que a esquerda, em geral, é uma ideologia que acredita na igualdade. Acho que ela ainda continua acreditando nessa igualdade, mas o problema é que há confusão em como alcançar isso com tanta prática política. Então, ainda há uma certa diferenciação entre a esquerda e a direita. A direita não acredita em igualdade, acha que a sociedade é desigual por natureza e sempre vai ser desse jeito. Ela acha que toda sociedade vai ter elites que vão governar e que a sociedade tem de aceitar isso como algo natural. A esquerda acha que não, que é possível alcançar a igualdade, uma utopia que, talvez, não vai se concretizar na nossa vida, mas é um objetivo, é um sonho que a esquerda tem. Eu acho que ainda existe uma esquerda e uma direita.

Ainda na pré-entrevista, o professor elogiou a escolha da turma em entrevistar também o então ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, por ser este "um dos mais influentes políticos do cenário cearense".

**Natália** – *Mas essa diferenciação que você fez foi no campo ideológico. No campo metodológico, ou seja, na prática, há ainda essa diferença?*

**Jawdat** – Acho que tem. Lula é diferente de um presidente conservador. Você nota. É uma pessoa preocupada com questões sociais, com o bem-estar da sociedade, com o cidadão comum. Ele se emociona vendo problemas sociais, vendo o escravismo, visitando, na África, aquelas casas em que os escravos eram despachados para as colônias. Nota-se que ele tem um outro sentimento. Acho que ele é, ainda, uma pessoa comprometida com essas mudanças sociais. O problema não é só o Lula, o problema é toda a teoria da esquerda, toda a prática, toda a conjuntura. É difícil. Para fazer esses rompimentos, deve haver um grupo muito bem articulado, bem determinado, e me parece que o PT ainda não tem essa clareza sobre onde quer chegar.

**Giselle** – *Professor, o senhor falou que se frustrou com a população americana em relação à política. E com a população brasileira?*

**Jawdat** – O brasileiro é bem politizado (*rindo*). Eu acho que, talvez, até politizado demais, no sentido de que a universidade é um espaço onde a política é mais importante do que a ciência, principalmente na nossa área (*Ciências Sociais*). Acho que hoje mudou um pouco, mas na década de 80 a sala de aula era interessante – eu adorava – porque havia gente de todos os partidos e correntes principalmente da esquerda. Agora tem gente da direita também. Por incrível que pareça, eu

encontro até gente do PSDB na minha sala de aula (*rindo*), que é uma coisa que não existia antes. Na década de 80, eu era considerado a direita (*rindo mais*), pois os alunos achavam que eu era muito conservador porque não acreditava numa revolução violenta imediatamente. Então, é um clima interessante, é um debate muito intenso. Eu acho que esta é uma aprendizagem muito importante para o aluno das Ciências Sociais.

**Giselle** – *Politizado demais... O que isso significa para o senhor?*

“Minha mãe estava meio desesperada porque eu sou o filho mais velho e ela achava que eu deveria voltar”.

**Jawdat** – Significa que “eu acho, eu acho, eu acho” (*fazendo movimento com a mão direita como se estivesse martelando*) é mais importante do que o conteúdo. Isso é muito recorrente. Uma pessoa crítica, condena, mas, de fato, não tem fundamentos. É importante ter equilíbrio entre a militância política e o conhecimento.

**Giselle** – *O senhor estudou as visões estereotipadas do Brasil e chegou aqui logo no primeiro dia de Carnaval no Rio de Janeiro, o que poderia até justificar algumas dessas visões. Mas qual foi a diferença entre o que foi estudado lá nos EUA e o que tem sido visto aqui até hoje?*

**Jawdat** – Essa é uma boa pergunta. Primeiro, eu cheguei com a hipótese de que o Brasil estava em uma fase de transi-

ção social muito intensa. Eu descobri que não estava. O Brasil estava em uma fase transitória, mas dentro de um contexto de uma sociedade democrática clássica. O brasileiro não estava querendo derubar o regime capitalista, mas queria reformá-lo. Acho que isso é justamente o que muitas pessoas da esquerda, principalmente dos EUA, não percebem: que as demandas da esquerda e as reformas no Brasil são tipicamente democráticas; não passam disso. Hoje, a idéia que tenho é que a luta brasileira é pela democratização da sociedade, não pela transformação da sociedade. É uma luta social reformista na sua essência, mas não é transformadora. Eu acho que o Brasil ainda vai continuar enfrentando essa dificuldade, porque, de fato, uma hora as reformas não são suficientes. Não estou dizendo que tem de haver uma revolução social, mas que é preciso quebrar muitas instituições clássicas para mudar esse país.

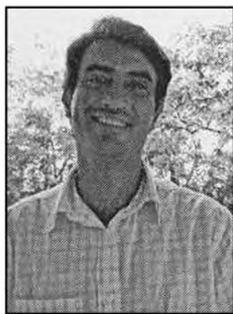
**Giselle** – *Qual seria a forma de transformar o país?*

**Jawdat** – Eu acho que deve haver uma clareza ideológica maior entre governo e a população (!!!). Uma clareza de praticar a ideologia que o PT sempre defendeu e que, na minha opinião, é muito interessante: a noção da democracia participativa como elemento chave de pressão sobre o Estado. Por enquanto, há uma confusão muito grande. Essa falta de definição ideológica deixa os eixos sem definição, ou seja, deixa a sociedade um pouco cética – e não se quer entrar no ceticismo. O ceticismo representaria uma sociedade desmobilizada.



Infelizmente, Eunício Oliveira cancelou a entrevista de última hora. Em seu lugar, entrevistamos o deputado federal João Alfredo.

Em julho de 2004, Jawdat participou do último palestra do XXVI Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecom), junto com o líder do MST João Pedro Stédile e o deputado federal petista João Alfredo.



O Encontro aconteceu em Fortaleza e contou com a organização de parte da turma presente na entrevista.

**Érika** – *Você não é adepto de nenhum partido. Por que não se filiar?*

**Jawdat** – Primeiro, quem se filia tem muitas atividades. Eu não tenho tempo. Segundo, eu acho que todos os partidos, uma hora, vão ter uma postura oligárquica. Até o PT, que é o partido mais livre de todos em termos de militância e de iniciativa, tem uma certa influência oligárquica. Para poder pensar, criticar e até para romper com a sua própria ideologia, o intelectual tem de se distanciar dos partidos políticos. Mas eu não recuso palestra, por exemplo. Se for convidado por qualquer partido, estou disposto a ir debater à vontade; faço até questão. Mas ser militante e me submeter a um programa partidário me deixaria numa camisa de força.

**Raquel** – *Mas o senhor tem uma simpatia muito grande pelos partidos de esquerda.*

**Jawdat** – Tenho sim.

**Raquel** – *Como é que um cientista político como você, que tem de analisar os fenômenos políticos com a maior isenção possível, concilia o fato de ser cientista político e ter uma simpatia? É um dilema?*

**Jawdat** – Não. De jeito nenhum! (*rindo*) Eu não tenho dilemas, ao contrário. Eu defendendo o programa da esquerda, mas não sem criticidade. Outro professor poderia defender o PSDB ou PP ou PFL (*Partido Progressista e Partido da Frente Liberal, respectivamente. Ambos de caráter conservador*) à vontade, não tem problema. Acho que o que nós precisamos superar na universidade... Porque o professor da universidade tem de ter uma opinião. Ele

não pode simplesmente ser o cientista imparcial, objetivo. Esse é um professor que não dá qualquer contribuição para a sociedade. O professor que não tem sua opinião, que não tenta influenciar a sociedade a partir de sua ciência, essa pessoa é omissa. Então, o professor da universidade tem de assumir uma postura baseada em conhecimentos, em fatos, em argumentos, e não simplesmente a partir de manifestações propagandistas.

Acho que é justamente o que diferencia o militante partidário do professor universitário.

---

**“Estuda-se muito nos EUA, existe uma pressão muito grande (...) Agora, às vezes, não há consciência sobre o sentido dos estudos”.**

---

O professor pode ser um militante partidário, mas ele tem de se justificar. O propagandista, não necessariamente. Então, essa é justamente a nossa contribuição. Eu posso ser da esquerda, não há problema. Vai existir outra pessoa do PT, do PP, que vai apresentar a sua argumentação. Acho que é nesse embate de idéias, ideologias, que nós vamos criar um conhecimento mais aprimorado.

**Gabriel** – *Mesmo não sendo filiado a nenhum partido, você tem atividades de militante ou você fica mais restrito a estudar política e ser um acadêmico?*

**Jawdat** – Acho que o papel é mais de estudar, participar em debates, às vezes sugerir algumas idéias para programas políticos... Não passa disso.

**Gabriel** – *Mas há um engajamento no terceiro se-*

*tor, nas entidades da sociedade civil?*

**Jawdat** – Eu participei de várias palestras na Cearah Periferia (*Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos, organização não-governamental que busca fortalecer ações coletivas no âmbito na habitação*). Agora, por exemplo, nós temos um programa na Pró-Reitoria de Extensão com movimentos sociais. Eu também participo como palestrante, professor. Essa é, mais ou menos, a minha militância política. Da minha área é que eu entendo. Eu não sou um militante que mobiliza a sociedade para protestos, por exemplo. Hoje eu encontrei o meu nicho, que é analisar a sociedade assumindo uma postura clara, de que ela precisa mudar, e tentar subsidiar os programas dos partidos da esquerda para permitir essas mudanças.

**Amanda** – *Quando você veio para o Brasil pela primeira vez, passou um mês em um acampamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). De que forma essa convivência com um dos movimentos sociais mais efetivos hoje em dia no Brasil colaborou para a sua tese e também para a sua formação?*

**Raquel** – *E como foi esse choque de culturas?*

**Jawdat** – Interessante. O choque de cultura não foi tão grave porque o brasileiro é muito receptivo, ele não te deixa sentir alienado, ele não te separa. Digo alienado não no sentido marxista, mas no sentido clássico, de que ele não te separa da sociedade, ao contrário, ele é muito inclusivo. Quando você chega, ele te puxa e você, de repente, faz

O frisson causado entre as alunas pelo charme do professor Jawdat foi tema da reunião de pauta. Adicionamos esse subitem no roteiro da entrevista.

parte de uma sociedade. Nesse sentido, você não se sente separado, alienado, apartado ou excluído da sociedade em termos sociais. Depois foi que eu descobri que passei um mês num acampamento do MST, porque, na época, eu não sabia. Eu descobri isso em 95, quando fui para uma palestra...

**Raquel** – Nove anos depois!?

**Jawdat** – Sim, porque eu não sabia na época. O MST ainda era uma instituição incipiente e clandestina. Na verdade, em 86, ele ainda não era identificado como MST. Essa é uma designação mais do início da década de 90. Eu fui para um assentamento de trabalhadores rurais que tinham recebido uma fazenda em Quixeramobim (*município do sertão central cearense, distante 201 quilômetros de Fortaleza*) pelo Inbra (*Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária*). Eu fui para ver como eles viviam nessas áreas coletivas. Basicamente é isso, como eles organizavam a produção, como eles conviviam, como era essa noção de propriedade privada deles, se existia essa noção de propriedade privada ou não. Então, eu descobri isso em 95, quando o Cavalcante (**nome completo!**) apareceu e ele era o chefe do MST lá em Quixeramobim (*rindo*). “É mesmo, você é do MST?” – “Nós sempre fomos o acampamento do MST, desde o início fomos do MST” – “Tá bom, muito bom, que surpresa” (*rindo*).

**Amanda** – E qual é a diferença do MST em sua origem para o MST de hoje?

**Jawdat** – Eu acho que era mais natural. Agora é um movimento mais ideológico. Na-

quele momento, o MST era um movimento de camponeses autênticos. Essa comunidade era interessante, eram pessoas muito simples. Inclusive, em 86, faltava café aqui no Brasil, na época do plano cruzado. Eu falei com o André Haguette, (*professor do curso de Ciências Sociais da UFC*) que fez o contato inicial: “O que eu dou para eles? Eu dou dinheiro? Porque eu vou passar alguns dias lá, eu vou comer, vou dormir, vou beber água, ou seja, tenho de pagar” – “Não, não se preocupe porque eles não vão com-

---

“Se você sai de uma sociedade que é muito politizada, vai para outra na qual não existe política, (...) você sente um vazio”

---

prar nada, mas você pode levar café” – porque na época faltava café – “pode levar um pouco de açúcar, coisas que eles não têm com facilidade. Eles não plantam café, eles compram na cidade, então você poderia levar para eles”. E eu levei café e a receptividade foi muito interessante. Eu levei pasta de dente e todo mundo queria a pasta de dente (*rindo*).

Eles são pessoas muito simples, pessoas que viviam, basicamente, da terra. Era um grupo que viveu durante muitos anos numa fazenda em Quixeramobim. Essa fazenda foi desapropriada e o grupo ficou com ela para fazer a divisão entre área coletiva e área privada. Um hectare para a família; o resto, uma área imensa, coletiva. Na época, entrou o financiamento de uma instituição almeja (*o telefone*

*toca. Mônica se levanta e vai atender*) e tinha um professor com o André (Haguette), com a Mirtes Amorim (*professora de Filosofia da UFC e presidente da Associação dos Docentes da UFC no biênio 2003-2005*), ajudando essa comunidade a financiar as áreas coletivas para permitir que essa entidade se tornasse autônoma, que não precisasse entrar no mercado.

Então, esse era o antigo MST: camponeses querendo ter uma vida autônoma fora do mercado e longe dos donos da terra. Eu acho que o MST de hoje é um movimento muito mais ideológico, muito mais politizado, muito mais partidário. Talvez perca agora um pouco dessa inocência, de defender um objetivo de pessoas que lutam por certos direitos sociais, pela dignidade.

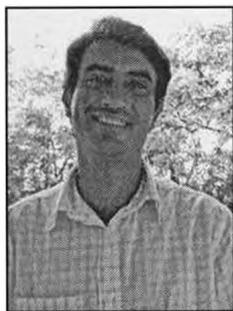
**Juliana** – *Jawdat, desde o contrato para professor visitante, o vínculo com a universidade, e, hoje, o Observatório Internacional, além dos artigos que você publica, como você considera a sua vida politizada aqui no Ceará?*

**Jawdat** – Tudo bem. Eu não sou brasileiro nato, então a minha vida política tem limite, ou seja, eu posso participar na política, mas aprendi que tem algumas coisas em que você pode participar e outras coisas em que você não pode. Eu participo como um intelectual, como um simpatizante, mas, de fato, eu tenho limites internos de legitimidade para mudar a sociedade. Apesar de ser, hoje, brasileiro naturalizado, eu não sou visto por todos como brasileiro (*rindo*). Talvez o meu filho seja visto como brasileiro, a minha filha Gabriela... Mas eu sou visto



De acordo com o mapa da lista telefônica, o acesso à casa do professor não era possível. A passagem de veículos para chegar à sua residência se dá por uma estreita rua que o próprio Jawdat “abriu”.

Chegamos ao local meia hora antes do início da entrevista, como o combinado. O problema foi localizar a residência do entrevistado. Entre idas e vindas, circulando as redondezas,...



... só encontramos a casa porque o próprio Jawdat nos buscou, de carro, numa rua próxima. A entrevista começou com 15 min de atraso. A sensação de "pagar mico" foi geral.

como estrangeiro. Acho que a minha vida política, a minha militância política têm limite. Eu aprendi que, talvez, a minha melhor contribuição seria a partir dos meus estudos. Essa minha contribuição é o máximo que eu posso dar para a política no Brasil. Eu não pretendo ser militante ou participar de partido, eu acho que há limites lá e sempre vai haver essas reações: "Ah, um estrangeiro que está querendo trabalhar a política brasileira!" (*rindo*) Isso é uma coisa que eu aprendi não somente no Brasil; isso seria uma reação natural em qualquer sociedade. Então, de fato, um estrangeiro que mora num país – não dele, não dela – deveria, mais ou menos, estabelecer os limites da sua atuação na política para não criar uma reação negativa até das pessoas que ele quer ajudar.

**Giselle** – *Partindo dessa idéia de que o senhor é estrangeiro e não se sente à vontade...*

**Jawdat** – Não, eu me sinto muito bem à vontade, mas eu sei qual é, mais ou menos, o meu limite (*rindo*).

**Giselle** – *Em Jerusalém, o senhor acha que teria mais abertura para entrar com mais veemência (na política)?*

**Jawdat** – Eu achava isso no passado, hoje não acho mais. Eu sou suspeito também. Porque, veja, quando se está em uma sociedade que está em um momento crucial de militância, há uma seleção muito grande de pessoas a quem são dadas essas responsabilidades. Eu sou suspeito porque eu passei muito tempo fora. Morei nos EUA, passei muito tempo no Brasil. Volto agora (*para Jerusalém*) e vejo muita gente que partici-

pou comigo na época no movimento estudantil. Eu passei 20 anos fora e nesses 20 anos a sociedade mudou, as visões mudaram, outras pessoas assumiram cargos e posições. Então, é difícil voltar.

**Giselle** – *Então a limitação lá é outra...*

**Jawdat** – É outra. Eu acho que esse é o preço que você paga por sair do seu país, morar num outro e ter experiência em outro. Aqui você ganha na experiência, mas ao mesmo tempo começa a descobrir que talvez não faça parte de nenhuma dessas três socieda-

---

**"Ele (o Brasil) tem as suas particularidades, mas também tem suas especificidades sociais e, de fato, é muito difícil mudar esse país".**

---

des (*rindo*). Esse é o preço que se paga e você tem que conviver bem com isso. Você tem que aceitar que não é 100% palestino, porque passou muito tempo fora. Você não é brasileiro, porque não nasceu no Brasil. Você não é americano, porque passou onze anos lá e fez toda sua faculdade. Você, na verdade, é parte dos três e talvez de nenhum dos três. Esse é o preço que você paga por voar e ter essas experiências em diversas sociedades. Fazer o quê?

**Natália** – *Em 1997, você começou seu pós-doutorado nos EUA. Qual foi a área que você estudou, qual foi o seu objeto de pesquisa, como foi essa experiência de estar voltando para os EUA carregando família e tudo mais?*

**Jawdat** – Pois é, isso é interessante. Eu voltei e fui para

outro lugar nos EUA. Eu tinha passado onze anos na Califórnia, que é a fronteira dos EUA. Na Califórnia, você tem gente do mundo inteiro, da América Latina, da Ásia, do Oriente Médio... A Nova Inglaterra não, é uma região mais tradicional, que parou no tempo porque quebrou economicamente. As pessoas vivem hoje basicamente do que elas chamam "old money", o dinheiro antigo, as suas heranças. É uma região bem tradicional, bem calma, mais ou menos aquelas regiões bem estáveis em que praticamente não tem muita coisa para fazer (*rindo*).

Mas foi muito interessante porque eu tive um ano para poder sentar e terminar meus trabalhos. Passei um ano com o Thomas Skidmore (*ele foi o orientador do pós-doutorado de Jawdat na Universidade de Brown*). Ele é uma figura muito engraçada, muito interessante. Muito americano, mas também, ao mesmo tempo, muito brasileiro. Skidmore é um historiador americano que escreveu dois livros sobre a história política do Brasil no século XX. É considerado o brasilianista mais importante dos EUA e é uma figura influenciada pelo Rio de Janeiro. Então ele tem esse lado meio malandro, conhecia todos os políticos brasileiros. Eu almoçava com ele toda terça-feira e ele me contava a vida privada de todos os políticos. É uma figura impressionante. Então, eu tive uma boa experiência e passei quase um ano na biblioteca escrevendo. Terminei alguns trabalhos meus e voltei. Fiz trabalhos sobre globalização e terminei um trabalho sobre saúde que tinha iniciado na Escola de Saúde Pública.

A casa de Jawdat fica a dois quarteirões de uma emergente favela no bairro Praia do Futuro.

Era uma universidade muito clássica, particular, das elites, dos filhos das famílias ricas – o que eu também não gostei muito, porque são pessoas não muito interessadas. São meninos e meninas ricos que vão para essa universidade e pagam uma fortuna para entrar, mas alguns professores são bem interessantes. Gostei muito do Skidmore. Eu o achei uma figura muito rica em termos de experiência e de malícia (*rindo*). Impressionante! Conhecia muito bem Golbery (*do Couto e Silva, general reformado que em 1974, durante o governo Geisel, assumiu o cargo de ministro de Estado – Chefe do Gabinete Civil*), conhecia muito bem Geisel (*Ernesto Geisel, presidente da República de 1974 a 1979, durante o regime militar*), entrevistou Lula. Ele convidou FHC (*Fernando Henrique Cardoso, presidente da República de 1995 a 2002*), que é agora um professor visitante na Universidade de Brown, onde Skidmore ensinava – ele se aposentou. Ele conhece muito bem essa elite política do Brasil e sempre soltava piadas porque é uma elite que não vai mudar nada nesse país. Ele achava que essa elite não ameaçava ninguém. Alguns americanos têm medo do Brasil porque ele pode vir a ser uma superpotência regional que ameaça... Mas ele... (*Jawdat pára de falar enquanto boa parte dos entrevistadores trocam as fitas dos gravadores*): Alguns americanos têm medo do Brasil, que o Brasil possa se tornar uma superpotência regional e ameaçar os interesses americanos.

(*Silêncio, entreolhares*)

**Giselle** – *Como foi o seu retorno ao Brasil depois do*

*pós-doutorado? Como essa experiência um pouco mais politizada implicou as suas relações e a universidade aqui no Brasil?*

**Jawdat** – É uma boa pergunta. Minha experiência na Brown foi interessante. O Watson Institute (*Centro de Estudos Internacionais situado na Universidade de Brown*), onde eu estava hospedado, era considerado um dos centros mais importantes dos estudos de Relações Internacionais nos EUA. Eu assisti a quase sessenta palestras lá. Toda semana, ia para duas,

---

**“Me parece que a esquerda está traumatizada com a experiência da esquerda na América Latina”.**

---

três palestras. Eu não perdi uma palestra daquela instituição.

Estava até comentando com a Mônica (*volta-se para a esposa que assistia à entrevista*): é impressionante a ingenuidade do pesquisador americano, de achar que o mundo é feito de leis, de ciências objetivas e como eles não percebem mais a importância da política e do poder político, uma coisa que você aprende no Brasil.

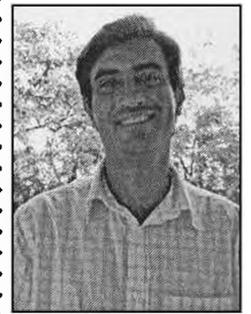
Eu me senti muito mais realista do que muitos cientistas políticos importantes que davam palestras na Brown, na Harvard, no MIT. Achava que eles estavam falando de forma tão ingênuo sobre a política, sobre as relações internacionais, sobre o desenvolvimento dos países em desenvolvimento, Terceiro Mundo etc. Até

comentei para a Mônica que o senso de discurso do americano está perdendo, de fato, um pouco a consciência da mudança e da política. A gente viu isso agora com o Bush. Essa decisão desastrosa que o Bush tomou em invadir o Iraque é um reflexo da forma como a academia americana e os analistas americanos percebem o mundo. Eles percebem o mundo de forma muito ingênuo. Eles não conseguem ver que o mundo mudou. E mudou muito! Que as sociedades hoje não são mais tão submissas como há vinte, trinta, quarenta anos. Eles estão ainda na década de 50 e 60, muitos deles vivendo ainda na Guerra Fria.

**Raquel** – *E mesmo assim ainda é o maior celeiro da Ciência Política?*

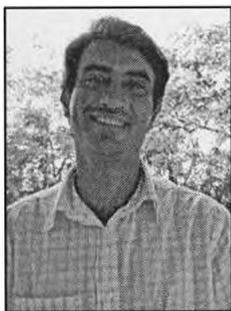
**Jawdat** – Claro! Vai continuar, vai continuar. Mas, aos poucos, vai perder essa posição de destaque, como aconteceu com muitas academias. A gente não percebe, mas, no passado, muitos países tinham universidades importantes que hoje são instituições tradicionais e que não produzem grandes e renovadoras reflexões. Essa é a impressão que eu tenho hoje da academia americana.

Fui para palestras em vários centros importantíssimos: Harvard, MIT, Brown. E, de fato, eu fiquei muito decepcionado com a qualidade da ciência. Não com a qualidade metodológica, essa é muito boa. Mas são quase exercícios muito mais de compilação de dados, testando hipóteses, do que de análise da realidade. Então, eu acho que os erros cometidos hoje pela política externa americana são um reflexo disso, de que a academia americana está vivendo



O professor demonstrava-se muito simpático ao nos responder e sempre disposto a explicar questões e fatos de conteúdo histórico-político.

Jawdat gesticulava bastante, principalmente quando respondia às perguntas referentes aos conflitos árabe-israelenses.



Ele é um dos membros do Observatório das Nacionalidades, um grupo de estudos que tem por objetivo proporcionar uma análise e reflexão contínuas sobre as transformações políticas mundiais. Com isso, o grupo visa apontar tendências no cenário internacional e a devida repercussão delas na vida brasileira.

uma certa perda do sentido da ciência, do poder, da política.

**Juliana** – Existe alguma sociedade que está em “segundo lugar”, por exemplo, em termos de pensamento (político)? Quando a sociedade americana talvez perder essa posição, qual vai substituir?

**Jawdat** – Acho que a tendência, como todas as mudanças sociais e acadêmicas, é de ter um vácuo. Um momento pré-paradigmático em que ninguém sabe o que vai aparecer depois. Então não haverá um centro que vai substituir um centro. Haverá um momento sem uma clareza científica, metodológica, política e, aos poucos, isso vai ser construído. Parece-me que estamos entrando nessa fase agora, onde não existe uma definição muito clara sobre a situação verdadeira do mundo em que vivemos. Então, a ciência perde os seus eixos claros. Principalmente as Ciências Sociais. Isso é muito mais recorrente nas Ciências Sociais do que nas Ciências Exatas. Nas Ciências Sociais você tem esse problema e nada vai aparecer imediatamente. Vai levar tempo, mas eventualmente vai aparecer. Agora, o país que vai substituir os Estados Unidos como um grande centro de produção de ciência, não sei... Acho que está difícil.

**Giselle** – O senhor se referiu aos estudiosos norte-americanos como fora da realidade. O seu diferencial talvez teria sido a convivência no Brasil?

**Jawdat** – Sim. Com certeza.

**Natália** – Você estudou mais de dez anos nos EUA e ensina no Brasil há mais de 15 anos. Então tem uma certa propriedade pra poder

fazer esse estudo comparativo. A questão da Educação Superior, das diferenças do Brasil para os EUA é a de que lá analisa-se as leis e as ciências de forma objetiva e aqui há uma análise mais crítica da realidade? Essa é a grande diferença?

**Jawdat** – Sim. Eu acho que o brasileiro, quando estuda a sociedade, estuda a sua prática. Tem muito mais preocupação de como é o poder. Nesse sentido, é um estudo muito mais do poder verdadeiro. Isso vem da própria estrutura universitária do Brasil. Como é

---

**“A esquerda, em geral, é uma ideologia que acredita na igualdade. Acho que ela ainda continua acreditando nessa igualdade”.**

---

uma estrutura elitista, essas universidades sempre foram habitadas por elites. Então, essa preocupação com o poder é praticamente a grande sobrevivência dessas elites. Nos EUA, há uma estrutura muito mais ampla, muito mais universal, e essas questões são camufladas às vezes. Você não percebe o poder na sociedade americana. Você não vê o poder político como se vê aqui no Brasil, de forma muito mais clara, muito mais óbvia. Nos Estados Unidos, são muitas instituições, muitas leis; então, aparentemente a sociedade funciona de forma automática. Ela não tem o elemento político, ideológico; é tudo camuflado.

O caso brasileiro é muito mais claro. Isso deixa talvez o cientista político brasileiro muito mais realista do seu estudo do poder do que o americano. Ele

(o cientista político brasileiro) é menos preocupado com a metodologia de comprovar, às vezes, o óbvio, que é mais ou menos o objetivo desses exercícios metodológicos. Você quer comprovar que tem estrutura partidária dispersa no Brasil. Tudo bem, claro. Você vai fazer a dispersão de votação ou de migrações partidárias. Todo mundo sabe que há muita mudança partidária, ou seja, eu vou fazer um artigo para comprovar o óbvio. Isso pode ser até interessante, mas por que isso acontece? O que é isso em termo de poder político no Brasil? Isso não é a preocupação da academia americana. Então, de fato, o americano tem uma grande preocupação com a prática, com a aplicabilidade do método, com a acurácia dos dados; mas não com o sentido disso, com a interpretação disso. É uma falha muito grande.

**Giselle** – A gente ouve críticas ao método do ensino em geral brasileiro por conta de uma cópia que teria sido feita do método dos EUA.

**Jawdat** – Eu acho que estão tentando copiar. Acho um erro muito grave. Principalmente a GED (*Gratificação de Estímulo à Docência*). A lógica da GED é produzir ciência pela produção da ciência. Algumas universidades americanas estão tentando modificar a forma de avaliação. Por exemplo, a Stanford, que é talvez a melhor Universidade dos EUA agora. Na minha opinião – é particular – ela mas sempre foi muito preocupada com a qualidade e não com a quantidade. Ela está fazendo uma avaliação que contesta o método tradicional americano. É você ver não só quantos artigos o professor publica, mas a repercussão do

A experiência como professor fez com que Jawdat respondesse às questões sobre o Oriente Médio de forma bastante didática, compreensível a todos.

artigo da pessoa no mundo acadêmico, como a sociedade recebe o artigo, qual seria a influência dessa pessoa ou da sua visão sobre o grupo de pessoas preocupadas com a sua área. Então, é uma análise muito mais qualitativa em termos da prática e da influência da ciência na sociedade do que simplesmente com a produção da ciência. É um método novo que talvez, aos poucos, vai se tornar uma metodologia de avaliação.

Pode-se também dizer que isso, em longo prazo, torne a academia muito mais elitista do que agora. Você pode escrever um artigo, tudo bem, mas lá significa que você tem de escrever um artigo de grande repercussão. É, de fato, você se apresentar como um cientista. Essa exigência é importante. Não é produzir ciência só pela produção da ciência; é produzir uma ciência que tenha um certo sentido, não simplesmente publicar.

**Giselle**— Num artigo seu, o senhor falou que, após a morte do Yasser Arafat, estaria surgindo uma nova era Arafat, de acordo com a idéia de que os árabes tomariam para si a própria vida (do ex-líder palestino), digamos assim. Dá pra sentir daqui (do Brasil) o que está acontecendo lá? Como está sendo levada a questão palestina?

**Jawdat** — Eu acho que dá pra sentir que o Oriente Médio está mudando. E é uma mudança muito grande.

**Raquel**— O senhor acredita isso ao novo líder Abu Mazen (Mahmoud Abbas, atual líder da OLP)?

**Jawdat** — Não. Eu acho que o Arafat antecipou um movimento que vai acontecer. O que Arafat fez? Ele basicamente colocou na direção do movimento palestino as camadas sociais que são afetadas pela ocupação. Colocou, na direção da OLP, filhos de camponeses, filhos de refugiados etc. Na minha opinião, isso é, talvez, o início da mudança. Porque muda a elite e, às vezes, não se muda toda prática. Mas essa é uma mudança muito grande numa sociedade que, durante décadas, se acostumou com reis, com regimes hereditários, com repúblicas fechadas onde há o controle de famílias tradicionais.

mente colocou na direção do movimento palestino as camadas sociais que são afetadas pela ocupação. Colocou, na direção da OLP, filhos de camponeses, filhos de refugiados etc. Na minha opinião, isso é, talvez, o início da mudança. Porque muda a elite e, às vezes, não se muda toda prática. Mas essa é uma mudança muito grande numa sociedade que, durante décadas, se acostumou com reis, com regimes hereditários, com repúblicas fechadas onde há o controle de famílias tradicionais.

“O problema não é só o Lula, o problema é toda a teoria da esquerda, toda a prática, toda a conjuntura”.

**Raquel**— Mas o senhor acha que o Abu Mazen está traçando o caminho certo ao buscar um diálogo, ao fazer alianças com inimigos históricos?

**Jawdat** — Acho que o Abu Mazen é outro tipo de líder. Não é o mesmo do Arafat, que era uma pessoa muito popular, muito próxima do cidadão comum. Abu Mazen é um intelectual mais distante. O perfil dele é de um político mais equilibrado etc. Arafat era o homem das massas. O enterro do Arafat foi mais ou menos o seu retrato verdadeiro. O povo atacando ele, querendo roubar o seu caixão, mais ou menos. O Abu Mazen, não. É aquele líder equilibrado, sistemático, intelectual, mas não é o intelectual do povo. Essa é a diferença entre os dois.

**Juliana**— Sem um líder popular presente, a perspectiva de paz pode se tornar mais distante?

**Jawdat** — Não sei... Eu acho que sim, acho que sim. Acho que o Abu Mazen não vai conseguir chegar à paz. Vai ser muito difícil porque os israelenses não ajudam. Os israelenses, de um lado, falam que querem negociar com ele (*Abu Mazen*); mas de outro lado, criam novos fatos que o deixam praticamente sem respostas. Esse problema é que torna o conflito no Oriente Médio impossível de se resolver com negociações, vamos dizer, sensatas. Porque o sensato seria que os israelenses se retirassem, fosse criado um Estado Palestino e se chegasse a um acordo e acabou. Esse seria o sensato para os dois lados, mas aparentemente você não tem essa avaliação no lado israelense.

**Raquel**— Mas todos os refugiados não caberiam no Estado Palestino. Como se resolveria esse problema?

**Jawdat** — Tudo bem. Olha, os refugiados são uma questão muito sensível. Tem de haver uma solução para essas pessoas. Não se pode também simplesmente deixá-las nos campos de refugiados. Dizer: “Ah... Eu não posso fazer nada com eles”. Claro que tem de se resolver essa questão. Então, é uma questão a ser debatida e resolvida. O problema é que o lado israelense é um lado muito ideológico, muito fechado; é muito (*enfático*) difícil negociar com Sharon (*Ariel Sharon, primeiro-ministro de Israel que defende uma política de extrema direita*). Muito difícil!

**Giselle** — Ideológico ou econômico?

**Jawdat** — Acho que tem os dois. Ou seja, qual é o pensamento da pessoa que se tornou mais distante?

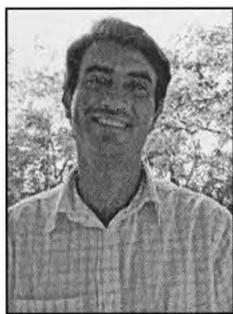
**Jawdat** — Acho que tem os dois. Ou seja, qual é o pensamento da pessoa que se tornou mais distante?

**Jawdat** — Acho que tem os dois. Ou seja, qual é o pensamento da pessoa que se tornou mais distante?



O maior medo da equipe de produção era de que a entrevista acabasse por se tornar uma grande aula expositiva sobre os conflitos no Oriente Médio.

Apesar de versar bastante sobre o tema, Jawdat soube sempre se colocar dentro das histórias que contava, relatando episódios que se passaram com ele.



O professor é frequentemente solicitado pelos jornais locais para escrever artigos sobre a conjuntura política do Oriente Médio.

mento dos israelenses? Enquanto eles têm apoio dos EUA e os EUA continuam como uma força mundial, “vamos aproveitar”. No dia em que não tiverem mais esse apoio, eles vão querer negociar. O problema é que, quando esse dia chegar, eles não vão ter ninguém para negociar. Esse é o problema. Ou seja, o que a história mostra? Mostra que você sempre tem de negociar quando, de fato, o outro lado quer conversar. Você não negocia quando está perdendo e o outro lado está... Estou dizendo que é melhor agora sentar, negociar, evitar futura violência do que deixar rolar, porque eventualmente a influência americana no Oriente Médio vai desaparecer. Isso, para mim, hoje, é quase um fato dado. Os EUA estão predestinados a perder as suas bases no Oriente Médio. Essa guerra no Iraque está mostrando isso, a política americana no Oriente Médio... Então, daqui a dez anos, os israelenses não vão ter apoio naquela região, ou seja, não vão ter mais o Tio Sam (a expressão se refere ao personagem Tio Sam, que se tornou símbolo estadunidense por ser utilizado na propaganda política daquele país em épocas de guerra) para arcar com todas as despesas. Nessa hora, o lado palestino não vai querer negociar.

**Natália** – Mas, hoje em dia, é possível a paz ser alcançada por meio de arranjos técnico-diplomáticos ou realmente as imposições de Israel são absolutamente inaceitáveis?

**Jawdat** – Pensa assim: o Sharon quer retirar quatro mil assentados de Gaza e ele está dizendo que está sofrendo qua-

se uma guerra civil. Imagina se ele começar a negociar sobre Jerusalém, o que vai acontecer? Ou seja, ele já está enviando recado para os palestinos que essa vai ser a última retirada e que ele está fazendo isso com muito custo. Então, não espere muito.

**Natália**– Então, não?

**Jawdat** – Eu acho que não.

**Natália**– No artigo que você publicou no jornal *O Povo*, em novembro do ano passado, em relação à morte de Arafat, você falou que ele foi muito importante porque trouxe uma nova práti-

---

**“O brasileiro é bem politizado (...) no sentido de que a universidade é um espaço onde a política é mais importante do que a ciência”.**

---

*ca política no Oriente Médio que enfatizava a participação popular, a participação das massas. No entanto, você criticou algumas avaliações, pontos de vista dele, a manutenção de alguns seguidores corruptos etc. De forma geral, não o Arafat, mas a OLP em geral, quais foram os erros cometidos, nas últimas décadas, pela parte da Autoridade Palestina que inviabilizaram qualquer tentativa de paz?*

**Jawdat** – Eu acho um erro no sentido da forma como foi construído o Estado Palestino. Agora, a corrupção é inevitável. Inevitável porque não tem instituições, então vai haver práticas corruptas. A gente sempre acha que o operário, o camponês, o filho de refugiado é imune à corrupção. Mas

não necessariamente. Ou seja, esse é o problema. As mudanças sociais são mudanças também contraditórias.

O Arafat, na verdade, tinha esse realismo. Sim, você vai ter a corrupção, mas essa mudança é necessária também. O filho das famílias tradicionais pode ser tão corrupto quanto o filho de um operário. Os dois podem ser corruptos, não tem como controlar isso. O ser humano é corruptível, ele pode ser de qualquer classe social. Mas a mudança histórica é o que muda a sociedade. Você muda, de fato, quem dirige essa sociedade. Você dá o destino da sociedade para aquelas classes sociais, aqueles grupos sociais; que a mudança é benéfica para eles, que representam a maioria da sociedade.

**Natália**– A corrupção seria a única coisa que o senhor apontaria como um motivo?

**Jawdat** – Acho que corrupção, algumas práticas autoritárias... A gente, às vezes, fala: “Não, porque os palestinos foram autoritários, não sei o quê”, que houve tortura e “morreram 28 prisioneiros palestinos sob tortura não sei o quê”. É verdade, isso aconteceu. Mas a gente também não pode esquecer que muitos incentivos para as torturas foram na época dos israelenses que viriam a torturar militantes do Hammas (movimento islâmico que não integra a OLP) para saber quem estava planejando o ataque suicida. E muitos deles, torturados, morreram. Então, a verdade depois vem para acusar os palestinos que torturaram e que mataram. Na verdade, foi a exigência deles (israelenses) pra poder tirar informa-

Em 22 de dezembro de 2003, Jawdat fez as vezes de entrevistador durante o programa Roda Viva, exibido todas as segundas-feiras pela TV Cultura.

ções deles (*palestinos*). E os palestinos caíram nisso. Ou seja, naquele momento de tentar controlar a situação de segurança, então “tudo bem, vamos...” (*risos*) Mas alguém também pode morrer.

**Gabriel**– *Você falou de uma certa ingenuidade dos cientistas americanos quando tratam o Brasil. Hoje, 20 anos fora da área de conflitos, como você se arma para não ser ingênuo em relação a isso? Ou você fala como um palestino e não como um cientista?*

**Jawdat** – Não. Você tem que falar como um palestino e como um cientista ao mesmo tempo. Para evitar isso, você tem de andar nas ruas, conversar com as pessoas, visitá-las; entender as suas expectativas. Visitar os partidos, os sindicatos, ter contato com a sociedade... Porque o que acontece é que, quando se estuda a sociedade de longe, estuda-se a aparência da sociedade, não se estuda a sua essência, a sociedade nas suas práticas cotidianas. Você tem de andar nas ruas, como um jornalista. Conversar com as pessoas, dormir na casa delas, conversar com os filhos, como vocês estão fazendo comigo (*risos*) É assim. É assim que você vai descobrir a sociedade.

Isso é uma coisa que hoje quase ninguém faz. Fazer igual ao antigo (*Alexis de Tocqueville (filósofo social francês que viveu de 1805 a 1859 e teve como principal obra “A Democracia na América”)*), tendo que viajar e entrevistar e conversar e ver a sociedade fisicamente. É você sentar com esse palestino ou sudanês ou saudita, saber quem é esse saudita, qual a expectativa da mulher

saudita? Que é com o véu... De fato, ela quer botar o véu? Não quer botar o véu? Ela o faz para expor força do marido ou por opção própria? Por que ela está fazendo isso? Será que não é melhor ela tirar o véu? Você tem de conversar com ela. Tem de entender essa sociedade. Como você vai saber que tipo de sociedade você está trabalhando? Então, essa é uma coisa que basicamente ninguém mais faz em termos de pesquisas sociais. As pessoas não andam, não conversam, não andam no mercado, não

“Eu defendo o programa da esquerda, mas eu não defendo o programa da esquerda sem criticidade”.

visitam as pessoas, não sentam com elas, não comem com elas. Fica aquele preconceito, estabelecendo teorias à base de nada.

Essa nova onda orientalista que você tem agora é mais ou menos uma reprodução de algumas teorias da década de 20, de 30. De você estudar a sociedade de uma distância. Esse é o orientalismo, você criar uma concepção de uma sociedade oriental. Outra coisa é você tentar: “A sociedade ocidental é isso, a oriental é aquilo”. De fato, você não sabe o que é uma sociedade oriental. Afinal de contas, todas as sociedades têm composições e você tem que entender essa composição somente tendo contato com essa sociedade, contato cotidiano, com gente.

**Giselle** – *Nos conflitos árabe-israelenses, nós nota-*

*mos que há uma mobilização não só dos governos, mas há uma rixa também entre os povos. Até que ponto a religião influi nisso?*

**Jawdat** – A religião se tornou muito importante após o colapso da União Soviética. Depois disso, houve uma onda religiosa muito forte no Oriente Médio, o qual passou basicamente por duas transformações políticas.

A primeira foi o nacionalismo na década de 50 com Nasser (*Gamal Abdel Nasser, tornou-se presidente do Egito em 1954, adotando uma política nacionalista através da reforma agrária e industrialização*). Em 52, ele derrubou a monarquia no Egito, estatizou o Canal de Suez e praticamente todas as propriedades estrangeiras no país. Nasser vai se tornar um modelo para o Oriente Médio, sendo uma

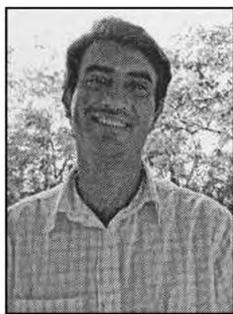
grande esperança. Na guerra de 67, os israelenses o derrubam. Nasser é derrotado e humilhado. Nessa humilhação, ele perde sua projeção no Oriente Médio e, nessa hora, entra o marxismo, preenchendo o seu espaço. O marxismo, nesse caso, perdura no Oriente Médio entre 68, 69 até mais ou menos o fim da União Soviética. Quando entra em colapso o marxismo, como uma nova esperança que possa superar aquele atraso, esse vácuo é preenchido pelos movimentos fundamentalistas.

Nesse sentido, você tem a religião se tornando uma doutrina política. Porque a religião, no Oriente Médio, não era uma doutrina política. Ela se transforma em uma. Então muitas pessoas da esquerda entram nessa onda na década de 90, achando que talvez a re-



Na ocasião, ele foi um dos escolhidos para entrevistar Bassan Abu-Sharif, assessor político de Yasser Arafat, então Presidente da Autoridade Nacional Palestina.

Em 2005, na primeira eleição palestina após a morte de Arafat, o Fatah, partido do líder saiu enfraquecido. Quem venceu foi o Hamas, considerado pelos EUA como uma facção terrorista.



Em 2006, o porta-voz do Hamas, Sami Abu Zuhri, declarou que a ideologia do partido seria "totalmente diferente" daquela seguida pela rede terrorista Al Qaeda, de Bin Laden. No pronunciamento, dado em 23 de abril, o porta-voz do partido defendeu que seria de interesse do Hamas manter boas relações com o Ocidente.

ligião vai poder preencher esse papel novo de quebrar o domínio das antigas oligarquias. Mas essa onda também está quase esgotada hoje. O colapso e o fracasso do Irã são justamente o fracasso também do fundamentalismo, o "islamismo político". A prática política dos fundamentalistas no poder no Irã não produziu os resultados esperados. O Irã, de fato, era grande irradiador dessa alternativa de tomar o poder e começar uma transformação do Estado, uma prática política nova. Com isso, há agora um novo vácuo político. E, por essa razão, o Bush entra.

**Giselle** – *Mas a prática da religião no dia-a-dia aumentou?*

**Jawdat** – Aumentou, aumentou, claro. Porque, com essa prática política, existem também práticas individuais. O sujeito começa a rezar, começa a fazer aquelas práticas cotidianas.

Então, nesse sentido, há uma certa piedade individual acompanhando essa onda do "islamismo político". Acho que essa prática individual religiosa vai continuar. Mas provavelmente vai começar a ter uma certa separação entre religião e a política aos poucos, pelo fato do islamismo no poder não ter produzido os resultados que todo mundo achava que iria produzir.

**Natália** – *A sua filha, Gabriela, disse que você tinha uma espécie de cicatriz na cabeça de uma bala que você tinha tomado...*

**Jawdat** – Não, nas costas. Na cabeça, foi o cacetete. (risos)

**Natália** – *Primeiro, como isso aconteceu?*

**Jawdat** – Foi na Cidade Velha (parte de Jerusalém situada entre as antigas mura-

lhas), eu estava correndo, levei uma bala aqui nas costas. Só percebi quando cheguei em casa porque a minha camisa tava toda... Você não sente o baque. Então, o nosso vizinho, médico, procurou (a bala) e não encontrou. Parece que não penetrou exatamente.

**Natália** – *E de onde veio essa bala?*

**Jawdat** – Acho que deve ter sido um lance. Os israelenses atirando com aquilo... sei lá.

**Natália** – *Mas qual foi a influência que os conflitos tiveram na sua vida, no seu cotidiano?*

"Hoje, a idéia que tenho é que a luta brasileira é pela democratização da sociedade, não pela transformação da sociedade".

**Amanda** – *Em que situações? Por exemplo, a sua ex-mulher, a Regina, também falou que viajou para o Oriente Médio com você, mas, quando foi ao Egito, você não pôde acompanhá-la porque...*

**Jawdat** – Ah, sim. Na época, os egípcios não me deixaram passar. Eles só deixavam as mulheres porque achavam que os homens poderiam talvez, de lá, sei lá... migrar para outro país. Então, para manter a população, eles proibiam os homens. Porque a mulher vai viajar, mas ela vai voltar pra casa. Os homens é que vão viajar e provavelmente não voltam mais. Então, eles me barraram na fronteira e deixaram a Regina passar.

**Natália** – *Você parece falar com a maior naturalidade que levou uma bala nas*

*costas: "Mas foi de raspão, então não tem problema nenhum". Você tinha uma vivência, um cotidiano diferente, você realmente não acha que teve nenhuma influência?*

**Jawdat** – Porque o problema é que essas coisas acontecem...

(Mônica intervém)

**Mônica** – *Mas Jawdat, você estava numa manifestação, eles não estão entendendo isso.*

**Natália** – É!

**Jawdat** – Você sai numa demonstração nas ruas, então o Exército aparece, joga aquele... canhão de água colorida em cima dos manifestantes. Joga essa água para marcar as roupas e depois prender. Então, eles jogam essa água, todo mundo fica colorido – ou azul, ou vermelho, ou verde. Cercam a área e depois pegam todo mundo que passa com

roupa suja e levam para a cadeia. (risos) Então, apanhava e o pai passava lá, pagava uma multa e tirava o filho.

Quando a manifestação ficava muito intensa – porque a gente jogava garrafas de Coca-cola, agitava muito rápido e jogava, então explodia (!!!) –, os israelenses começavam a atirar. Nessa época, eles não tinham essas balas de borracha. Isso é uma novidade, um desenvolvimento novo. Na época, eles atiravam, então... parece que eu levei um tiro. Não morri não sei como (risos).

**Natália** – *A manifestação era feita com Coca-cola então?*

**Jawdat** – Era Coca-cola. A gente pegava aquelas garrafas antigas de tinta, aquelas antigas canetas... botava dentro tipo argila, não argila, mas um gesso vivo e botava água

A entrevista durou duas horas e vinte minutos.

em cima, fechava; ficava muito quente, jogava e explodia. Então, esses eram mais ou menos os métodos: jogar garrafa de Coca-cola, esse gesso vivo, não sei o quê... Era besteira, nada comparado com agora. Agora que é a barra pesada. Coca-cola não é nada.

**Érika** – *Duas coisas eu não entendi direito. O que foi exatamente na cabeça?*

**Jawdat** – Na cabeça, eu levei uma cacetada. Aqui (aponta para a cabeça e faz um gesto como quem bate com um cacete). E aqui foi uma bala (tenta mostrar a região das costas onde foi atingido). Um médico me falou que provavelmente era pistola ou revólver a uma distância longa e que, se tivesse sido a uma distância muita curta, talvez tivesse penetrado, mas como não entrou e marcou... deixou um buraco, então foi a uma distância muito longa, provavelmente um baixo calibre.

**Érika** – *Mas você estava participando da manifestação ou estava só transitando?*

**Jawdat** – Não, era porque a gente ia sair. Jerusalém é uma cidade muito pequena e as escolas são muito próximas. A gente ia sair da minha escola para as outras escolas e, no caminho, a gente entrava na Cidade Velha. Em Jerusalém, tem a Cidade Velha dentro das muralhas, com uma população pequena e grande parte da população fica fora. Então, a gente fazia as concentrações fora, passava nas escolas para criar uma massa de gente e depois entrava na Cidade Velha. Lá ficava muito mais difícil para o Exército entrar porque as ruas são pequenas. Então, podia-se fazer uma manifestação muito mais durável, vamos dizer, do que quando se

está fora, nas avenidas largas. É nessa entrada da Cidade Velha que o Exército barrava as portas e começava a jogar gás lacrimogêneo, com cavalarias, essas coisas.

**Giselle** – *Mas o senhor estava participando da manifestação?*

**Jawdat** – É, porque eu participava. Eu era presidente do conselho estudantil da escola. Então, a gente mais ou menos fazia a coordenação: “A gente vai passar nessa escola essa hora. Quem quer, quem tem interesse, sai conosco. Quem não quer, que vá para casa,

“Depois foi que eu descobri que passei um mês num acampamento do MST, porque, na época, eu não sabia. Eu descobri isso em 95”.

porque vai ter porrada”. Então, mais ou menos eles sabiam. Quem queria ficar, ficava na escola esperando, e os professores sabiam que viria uma manifestação e muitos deles iam embora. Eu estudava numa escola inglesa e muitos dos nossos professores eram bem simpatizantes. Alguns eram irlandeses, tinham muita simpatia pelo IRA (*Irish Republican Army* ou *Exército Republicano Irlandês*. Fundado em 1919, passou a utilizar-se da guerrilha como forma de eliminar o domínio inglês e obter a independência da Irlanda. Hoje, pretende unificar a Irlanda do Norte ao restante do país). Tinha um professor que é, hoje, diretor da BBC (*British Broadcasting Communication*, rede pública de comunicação britânica)

no Oriente Médio, o John Richard, que era um jovem recém-formado na Oxford (*Universidade britânica*), voluntário na nossa escola. Esse professor, toda vez que acontecia manifestação, apanhava... Ele era jovem, tinha mais ou menos 22, 23 anos, recém-graduado, muito interessado e depois ele foi embora, foi pro Egito.

**Giselle** – *Qual era a sua idade quando essas manifestações aconteceram?*

**Jawdat** – Mais ou menos 16, um ano antes da minha ida para os EUA. Acho que isso foi decisivo para um pai me despachar e falar: “Tá bom, chega”.

**Raquel** – *Professor, o senhor se definiu para a equipe de produção como um agnóstico, ainda disse: “Se tiver Deus, ótimo. Eu vou para o paraíso porque nunca fiz maldade para ninguém”. Apesar de ter nascido numa família muçulmana, por que o senhor não seguiu o islamismo?*

**Jawdat** – Minha família é muçulmana, mas não é tão religiosa assim. Acho que é como muitas famílias que nascem católicas, mas não são praticantes.

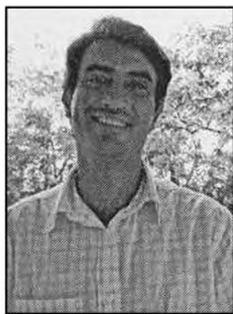
**Raquel** – *E ainda outra curiosidade, corrija-me se eu estiver errada. Pesquisando na internet, eu vi que parte do seu sobrenome – “Haj” – significa “peregrinação à Meca pelo menos uma vez na vida por aqueles que forem capazes”.*

**Jawdat** – “Haj” significa peregrino, mas não tem nada a ver com Meca. Tem família “Haj” cristã. Peregrino... pode ser. Eu tinha um amigo muito próximo que estudou comigo nos EUA, Stelio Hadjyannis, que significa a mesma coisa. Em grego, “Haj” significa pe-



Apesar da facilidade com datas e números, o discurso de Jawdat é vítima de vícios de linguagem. Os principais são: “de fato”, “então” e “na verdade”.

O entrevistado falou cerca de 125 vezes a expressão “de fato”, durante a entrevista.



Após uma hora de entrevista, vários gravadores pararam simultaneamente. Jawdat parou de falar, impressionado com a concentração de quase todos na troca de fitas.

reginação. “Abu-El-Haj” significa “pai do peregrino”, mas não fala necessariamente peregrino a Meca.

**Raquel** – *Mesmo com uma carga religiosa tão forte no nome, não seguiu mais por quê? Por que acha que começou desde cedo a ter uma postura crítica em relação à religião, a questionar os credos?*

**Jawdat** – O meu sobrenome “Abu-El-Haj”, na verdade, não é o nome original da minha família. É uma família mais ou menos grande com vários ramos e o nosso ramo, em Jerusalém, é “Abu-El-Haj”. Na verdade, é uma família chamada Tammimi. Esse é o nome original. No casamento do meu avô, o certificado de nascimento dele não é Abu, é El-haj Tammimi, mas é o nome daquele ramo da família em Jerusalém. Mas não tem nada de conotação religiosa, é um nome muito comum. Igual tem família “Peregrino”, no Brasil, não?

**Raquel** – *Mas, em relação a minha outra pergunta, o senhor não segue nenhuma religião porque tem alguma postura crítica em relação aos dogmas?*

**Jawdat** – Na verdade, eu fui criado numa família que é não religiosa, por exemplo, meu pai e minha mãe não rezavam. Então, nós somos muçulmanos, mas só de nascença; viemos de uma linhagem de famílias islâmicas de Jerusalém. Ou seja, eu não pratico porque para mim a religião não é tão importante. Para mim, não é uma visão do mundo. E não acredito que tem um Deus lá em cima olhando pra gente. Como eu disse, se tivesse, eu ficaria muito feliz porque eu vou para o paraíso, mas... Se você

pensar de forma racional, é muito difícil acreditar que tem uma pessoa ou uma força olhando para gente de cima para baixo e vendo tantas maldades nessa Terra e não fazendo nada. Então...

**Giselle** – *O senhor falou que a sua família não é tão religiosa. Mas a idéia que nós temos aqui, até pelos meios de comunicação, é que o povo oriental, tanto é muito fanático na religião, como é muito machista, que as mulheres são oprimidas. Eu queria saber do senhor até que ponto isso é verdade?*

“Eu acho que esse é o preço que você paga por sair do seu país, morar num outro e ter experiência em outro...”

**Jawdat** – Eu acho que sim. A religião hoje é uma onda muito forte no Oriente Médio. Ninguém pode negar. Quando eu era criança, era uma raridade ver uma mulher de véu. Isso é um fato. Era comum ver muitas mulheres camponesas, usando tipo um véu, típico do traje camponês clássico. Não era por razões religiosas, mas trajes que elas usavam. Não era comum ver mulheres com véu. Hoje, é muito comum, inclusive entre os homens.

Mulher árabe é reprimida? Sim, e muito. Isso é inegável. E muito mais em sociedades tradicionais do que em sociedades urbanas. Mas o Oriente Médio também está mudando, não só por causa da sociedade que está se modernizando; às vezes a mudança é forçada sobre a sociedade. Ela é forçada por razões polí-

ticas, por razões econômicas, por razões culturais, por razões sociais. Econômicas: a mulher tem de trabalhar. Usando ou não o véu, tem de trabalhar para poder sustentar a família. Então, é uma mudança. Primeiro: é forçada sobre a sociedade. Você hoje encontra mulher com véu, sem véu, trabalhando. Talvez, se tivesse a opção, não trabalharia, ou o marido não deixaria ela trabalhar; mas como, de fato, ela tem de trabalhar para sustentar a família porque o salário do marido não tem como sustentar, então ela trabalha. E isso começa a mudar as relações em casa. Essa é a mudança forçada sobre a sociedade. Uma mudança econômica, realista. Dois: como a mulher hoje, participa muito na educação dos filhos – porque a educação é muito importante –, a mulher tem de frequentar escola para poder acompanhar os filhos em casa, uma coisa que não era tão necessária no passado, mas hoje é muito importante. Então, é outra mudança forçada.

Assim, aos poucos, a sociedade começa a aceitar essa noção de que a mulher tem de estudar, tem de trabalhar porque é uma necessidade. A mudança cultural entra aí, a sociedade está mudando e você nota. Por exemplo, em 2003, eu passei três meses em Gaza (*Faixa de Gaza, território de maioria palestina*). É uma região muito conservadora. Não porque o povo lá é conservador, mas porque é um povo constituído com quase 80% de refugiados, que fugiram das suas aldeias e viviam em campos de refugiados extremamente densos. Para uma sociedade tradicional, viver num lugar muito denso, ter 10,

Mônica achou o professor Ronaldo Salgado muito parecido com o orientador do doutorado de Jawdat que, coincidentemente, se chama Ronald.

15 pessoas na mesma residência cria um problema para as mulheres no sentido de que ela se veste e se cobre para poder ter uma certa privacidade. Então se tornou uma cidade muito conservadora, mas é uma cidade onde praticamente todas as mulheres trabalham por necessidade. Todas (*enfático*) freqüentam a escola.

Então, o Oriente Médio está numa mudança social, cultural muito grande. Às vezes, essas mulheres optam pelo véu como uma afirmação das suas identidades também. Às vezes, ela é forçada pelo marido a usar, como a gente viu no Egito, não? (*confirmou com a esposa*) Que a mulher usa porque, de fato, o marido está do lado dela e ela come debaixo do véu num restaurante. Isso é muito forte. Mas, ao mesmo tempo, é uma mulher que trabalha, que hoje talvez ganha um salário igual ao do marido; isso é uma mudança significativa. Ou seja, quebra o patriarcalismo. O pai da família começa a perder o controle. A filha já vai para a escola, já tem expectativa de emprego; a esposa já está trabalhando, de repente ele não tem mais os mesmos poderes. Ele tem que negociar para poder manter o casamento. Hoje há mais casos de divórcio, de abandono, isso é muito comum.

**Giselle** – *E o homossexualismo (em 1995, a Organização Mundial de Saúde (OMS) substituiu o sufixo 'ismo' – que designa doença – pelo sufixo 'dade' – que designa modo de ser. Desde então, o termo politicamente correto para a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo é homossexualidade ou homoafetividade) já é mais aceito lá?*

**Jawdat** – Olha, homossexualismo, eu acho que existe em toda sociedade. Eu me lembro de ter amigos em Jerusalém que eram gays e quase assumidos, mas a sociedade tradicional não aceitava isso. Eu não sei como é tratado, de fato. Não é um assunto conversado. É um tabu que a sociedade não enfrenta de forma aberta. Então, eu não posso dizer. Mas é uma questão mais difícil do que para as mulheres. A incidência (*de homossexuais*) é elevada e há, hoje, muita incidência de AIDS etc. e isso às vezes começa a pro-

“... ganha na experiência, mas ao mesmo tempo começa a descobrir que talvez não faça parte de nenhuma dessas três sociedades”.

vocar uma certa pressão para que a sociedade comece a enfrentar essa questão.

**Giselle** – *Aqui no Brasil nós temos também esse tabu. Mas o que se passa pelos meios de comunicação é de que lá há mais violência diante do preconceito.*

**Jawdat** – Eu acho que deve ter, mas não é essa violência que os meios de comunicação mostram. Eu não conheço muitos países árabes, mas sei que no Líbano e na Síria não existem grandes problemas. Nós, palestinos, temos machismo, mas não é aquele machismo tão exacerbado. Os meios de comunicação projetam uma sociedade muito mais repressora do que, de fato, ela é. É uma sociedade hoje numa fase muito contraditória, numa fase transitória muito importante. Então, as imagens são

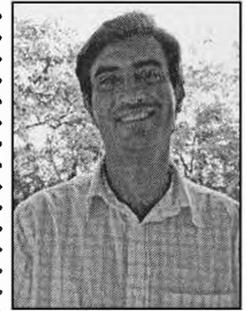
bem mais violentas do que a realidade.

**Natália** – *Grande parte dos movimentos sociais aqui no Brasil, como o movimento de mulheres, o movimento estudantil, o movimento sindical, enfim, apóiam e abraçam totalmente a causa palestina. Tanto que em todas as edições do Fórum Social Mundial que aconteceram em Porto Alegre havia bandeiras da Palestina de plástico sendo distribuídas. Ou seja, há uma adesão muito grande. Qual sua relação pessoal com a causa palestina hoje? É limitada a escrever artigos, a participar de palestras?*

**Jawdat** – Às vezes. Nem sempre. Na verdade, eu tenho contato às vezes quando vem alguém. Nós convidamos Bassam Abu-Sharif (*ex-assessor de Yasser Arafat*) para participar aqui de uma conferência via Observatório Internacional (*entidade de pesquisa vinculada à UFC*). Bassam Abu-Sharif é uma figura interessante. Ele sofreu atentado de assassinatos, é um dos símbolos do movimento palestino. É um jornalista que, durante décadas, dirigiu o Al-Haddaf (*jornal da Frente Popular*), que é o principal jornal da esquerda palestina. Então, essa é mais ou menos a minha participação. Às vezes, tem o contato: o Embaixador palestino me liga para perguntar sobre um assunto tal e eu falo com ele, mas...

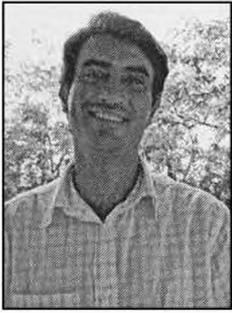
**Natália** – *Mas o motivo de não abraçar de forma ativa a causa palestina é pelo mesmo da não participação política ativa aqui?*

**Jawdat** – Um: aqui não tem muitos palestinos. Dois: de fato, o movimento palestino no



Jawdat e sua família têm um cachorro de dois anos e meio da raça pastor alemão chamado Scooby.

Ao chegar à casa do entrevistado, Raquel pôs os pés fora do carro e foi imediatamente e calorosamente recepcionada por Scooby. A estudante teve de voltar correndo para se esconder no carro, com medo do tamanho do bichinho.



Durante a entrevista, Scooby permaneceu dentro da biblioteca da casa. O motivo: o medo que alguns entrevistadores tinham de cachorros. Scooby escapou pela porta quando parte da equipe quis conhecer a biblioteca e foi à forra pulando e brincando ao redor de Érika. Da equipe, a aluna era a que mais tinha medo de caninos.

A biblioteca na casa de Jawdat tem um acervo de 1.500 a 1.700 livros aproximadamente. Só sobre o Estado do Ceará, são cerca de 300 exemplares.

Brasil, em geral, não é um movimento muito forte. Há muitos palestinos no Sul, no Rio Grande do Sul; mais ou menos quase 90% dos palestinos se encontram naquela faixa da fronteira, na região do Chuí. Fora isso, não há palestinos no Brasil; há muitos no Chile. Existe lá em torno de trezentos mil palestinos, mas aqui no Brasil acho que existe em torno de cinquenta mil, que é uma coisa irrisória num país desse tamanho.

**Natália** – *Nos últimos 50 anos, os conflitos árabe-israelenses ficaram meio que centrais nos meios de comunicação, de estar discutindo, de estar debatendo, de estar questionando, enfatizando esses conflitos. Na sua visão, qual o posicionamento da opinião pública, em geral, em relação a isso?*

**Jawdat** – É porque, de fato, parece que é o único conflito no mundo. Existem outros conflitos (*risos*). Interessante. Aquela região, aquele conflito, engloba sete milhões de habitantes. Se você pensar, é o tamanho da população do Estado do Ceará. Mas ela tem um significado geopolítico muito grande porque, culturalmente, é importante para o cristianismo, islamismo, judaísmo, como também é um ponto de comércio mundial; tudo tem de passar por lá. A gente foi pro Egito (*Jawdat e Mônica*) e naquele Canal de Suez é como se quase o comércio mundial inteiro passasse na sua frente. É uma fila de navios passando, porque você sai do Atlântico, das Américas, você entra no Mediterrâneo e para chegar até a África e a Ásia, você tem de passar por lá. E lá, mais ou menos, a distância é de noventa quilôme-

tros do conflito. Então, esse é o conflito: quem controla aquela região, controla praticamente a economia mundial.

**Natália** – *Mas você acha que a opinião pública tem um posicionamento em relação ao conflito?*

**Jawdat** – É, eu acho que a opinião pública é meio confusa. Parte da opinião pública acha que é um conflito religioso, outra parte acha que é um conflito político, outra parte acha que são dois povos malucos, fanáticos, que estão atacando e matando um ao outro e ninguém entende por que

**“É impressionante a ingenuidade do pesquisador americano, de achar que o mundo é feito de leis, de ciências objetivas”**

esse conflito não acaba (*risos*). Você não tem, de fato, uma propaganda muito boa para explicar as razões desse conflito. Eu acho que há razões porque isso também não acontece.

**Giselle** – *Quais são as razões?*

**Jawdat** – Eu acho que há muitos interesses. Muitos interesses grandes naquela região. Você não percebe o jogo das grandes potências no Brasil. Tudo, de fato, é escondido porque o Brasil é um país que tem muita influência via FMI (*Fundo Monetário Internacional*) e Banco Mundial, mas lá, você vê a influência na cara. Não existe um país que não tenha alguma representação diplomática em Jerusalém, que não esteja atuando para se envolver no conflito. O mundo inteiro está lá. Até o Brasil acabou de

abrir um escritório de representação em Ramallah (*cidade sede da Autoridade Nacional Palestina, na Cisjordânia*) para equilibrar com o israelense porque é um jogo de influência. Quem está no meio do conflito, está no meio, praticamente, da geopolítica mundial. Então, é uma região muito pequena, mas é uma região estratégica. É um jogo violento de influência.

**Giselle** – *Essa superexposição na mídia também gera um superinteresse da população e é uma forma de estereotipar cada vez mais o povo árabe. Tanto para o bem como para o mal, porque também há a questão de os orientais serem mais exóticos... Como o senhor lida com essa visão que as pessoas têm do povo árabe aqui no Ceará, aqui no Brasil?*

**Jawdat** – Eu acho que no Ceará não há muito esse problema porque existem muitos descendentes de sírios, libaneses. Eu, na verdade, não vejo esse problema no Brasil. (*risos*) Às vezes você vai para um canto, paga com um cheque e o povo: “Ih! Mas seu nome é diferente!”. Mas é, na verdade, uma reação muitas vezes espontânea, de uma pessoa tomar um susto: “Um nome tão difícil de escrever, tem tantos ‘W’, não-sei-o-quê e tracinho...”.

O meu filho, o Ahed, por exemplo, não tem problema; nem a Gabriela. Uma vez, em Brasília, ela teve um problema com um professor que soltou uma piada; ela reagiu e ele pediu desculpas. Eu acho que o brasileiro não tem esse preconceito porque ele não está no conflito e quem está no conflito, de fato, vai criar esse preconceito. Por exemplo, o

americano tem o preconceito não porque ele seja preconceituoso, mas porque há tanta propaganda nos Estados Unidos para convencer o americano de que, talvez, seja melhor apoiar o israelense do que o palestino, que esse preconceito às vezes é forjado de forma até premeditada para criar fatos políticos. O americano também é meio distante e não sabe as diferenças entre palestino e paquistanês; ele acha que palestino é paquistanês, mistura palestino com marroquino. Então, na cabeça dele, é uma confusão. Isso é, justamente, o terreno do preconceito, porque você vai estereotipar quando não tem informações suficientes, quando a população não está recebendo esses fatos de forma mais correta, mais equilibrada.

**Natália** – No começo da década de 60, o ator egípcio Omar Sharif trouxe a questão do ‘árabe exótico’. Uma questão que a gente abordou, na nossa pré-produção, foi o frisson causado entre as alunas do curso de Ciências Sociais para fazer as suas cadeiras: “Oh! O Jawdat!”. Então, eu queria saber se você sente esse frisson.

**Jawdat** – Mas isso porque eu sou palestino? (risos)

**Natália** – Pelo exótico do árabe...

**Jawdat** – Eu acho que... Não sei... Eu acho que não tem nada a ver com árabe. Deve ser, sei lá... As alunas sempre fazem isso com quase todos os professores. Você tem aqueles professores que são muito vistos como... sei lá. Acho que não sou o único, eu ouvi falar de muitos outros também.

**Natália** – Voltando à questão do estereótipo: ele

é bom por distanciar? Porque quanto mais se estereotipa quem está envolvido no conflito, mais se distancia e não se reconhece no outro. O estereótipo é forjado no sentido de se distanciar do conflito?

**Jawdat** – Eu acho que todo estereótipo é criado. Ele é criado por motivos políticos. Essa é a impressão que eu tenho. É que você, de fato, cria uma propaganda direcionada para estabelecer um fato político. Não é por acaso que, de repente, nos cinemas, você tem um árabe no meio; numa época

“O senso de discurso do americano, de fato, está perdendo um pouco a consciência da mudança e da política”

ca, você tem o comunista no meio; numa época, eram os chineses no meio. Se você quer saber a agenda política dos conflitos mundiais, você tem de olhar os clássicos do James Bond. James Bond te dá a dica de quem vai ser o próximo inimigo. Isso, mais ou menos, é a visão que você estabelece. Não que toda a Hollywood seja propaganda para estabelecer visões pré-determinadas de alguns povos. Mas algumas agendas têm a ver, de você produzir visões de sociedades, em certos momentos, que são vistas como sociedades que “ameaçam” – entre aspas – o mundo ocidental; eu acho que se tem uma tendência. Com certeza. Você teve uma época muita longa em que o vietnamita era o alvo.

Vocês são muito novos pra lembrar, quer dizer, em “The

Green Berets” (filme estadunidense de 1968 que retratava um grupo de elite dos EUA, chamados “boinas verdes”, treinado para combater vietcongues), John Wayne (ator e diretor do filme, ficou famoso a partir da interpretação de heróis em filmes de caubóis) foi para o Vietnã e arrasou com os vietcongues. Numa época, os alemães eram o alvo de todos os filmes. Então, o Holocausto está sempre em mídia. Não é porque eu sou palestino que eu não acho que houve Holocausto. Houve um Holocausto, e foi talvez o maior crime da história. Agora, também dizer que foi o único crime da História é ir longe demais. E está sempre em evidência, principalmente nesse momento em que existe um conflito entre palestinos e israelenses e há uma intensidade tão grande de exploração do Holocausto como um genocídio do povo judeu; nesse momento, mais do que em qualquer outro momento. Eu acho que tem a ver; tem a ver.

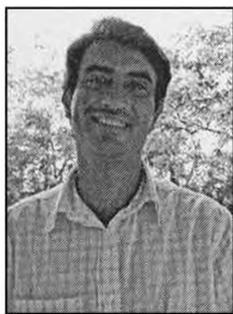
**Natália** – Então, você acredita na chamada “Indústria do Holocausto”?

**Jawdat** – Ah, com certeza. Ela é uma grande fábrica de dinheiro. O Holocausto não é mais só uma representação do sofrimento de um povo, uma experiência da qual se tira um aprendizado. Aprender da experiência do povo judeu significa uma aprendizagem universal. Você não vai particularizar, porque a humanidade tem de aprender das suas maluquices daqueles momentos. Dizer que nós vamos simplesmente transformar o Holocausto em um trauma de judeu... Claro que o judeu foi o mais traumatizado, mas a gente tem de aprender



Em 1993, a editora da UFC publicou o livro “Socialistas no Poder: as origens sociais do Estado de bem-estar”, de autoria do professor.

A transcrição da entrevista foi etapa demorada devido à pronúncia característica do professor, que dificultava a compreensão de alguns termos.



A edição demandou da equipe de produção muita cuidado com os ajustes gramaticais e as constantes referências históricas e políticas no discurso do entrevistado.

mais para o resto da humanidade, porque o Holocausto também pode acontecer com povos não-judeus, como a gente viu em vários anos atrás. O genocídio não é restrito a um povo. Então, existe essa tendência de simplesmente associar Holocausto – judeu – Israel. E nem todos os judeus que morreram foram sionistas (*participantes do movimento ultra-nacionalista que pressionou a Organização das Nações Unidas pela a criação do Estado de Israel em 1948*). A gente esquece que muitos comunistas judeus também foram mortos, que provavelmente hoje não estariam apoiando nem Israel, nem a política de Israel. Mas, de repente, nós estabelecemos essa relação Holocausto – judeu – Israel. Essa transição é que é complicada, porque não foram só israelenses que morreram no Holocausto. Você teve judeus de todos os tipos, de todas as ideologias, de todas as nacionalidades. A Olga (*Olga Benário, alemã, judia, membro do Partido Comunista e esposa de Carlos Prestes, foi deportada do Brasil pelo governo Vargas*) morreu também num campo de concentração, e não era sionista, era comunista. Então, para que estabelecer essa cronologia Holocausto – judeu – Israel? Por que você não fala Holocausto – judeu – nazismo – genocídio etc? Por que não criar um ensinamento mais universal dessa experiência? Porque, de fato, tem alguma interpretação específica. E essa interpretação provavelmente tem também uma certa intenção dos israelenses. Por que não?

**Natália** – *De criar um favorecimento...*

**Jawdat** – Sim. Por exemplo, você nota agora a Marcha a Auschwitz (*caminhada per-*

*corrida por judeus do ex-campo de extermínio nazista de Auschwitz ao de Birkenau, na Alemanha, em maio de 2005, para lembrar às vítimas do Holocausto*). Você só tinha a bandeira de Israel. Não há mais (*outras bandeiras*) por quê? Só tem judeu israelense? Israel tem seis milhões de judeus; tem vinte e cinco milhões de judeus no mundo. Por que só a bandeira de Israel?

**Amanda** – *Sua esposa, Mônica, durante a fase de produção dessa entrevista, citou como características suas o respeito muito gran-*

---

**“Parece-me que estamos entrando nessa fase agora, onde não existe uma definição muito clara sobre a situação verdadeira do mundo”.**

---

*de pela família, a sua dignidade no papel de pai, de marido. Até que ponto essas características são próprias suas ou provêm do povo palestino, da cultura árabe?*

**Jawdat** – Eu acho que pode ter influência, mas eu acho que há também a minha preocupação em não fazer alguns erros que fiz no passado. Talvez tentar evitar, às vezes, alguns conflitos que são desnecessários. Por exemplo, eu acho que, quando a Mônica tem mais liberdade na vida dela, cria-se até um entendimento melhor. Porque a gente sempre associa que a família tem de ter uma certa coesão onde o pai é o centro da aglutinação da família. Eu acho que isso, às vezes, acaba... No mundo em que nós vivemos. Talvez, há cinqüenta anos, fosse verdadeiro. Mas, no mundo em que nós vivemos

agora, seria motivo talvez até de separação. Então, se você quiser ter um bom casamento, é melhor ter essa liberdade mais clara. Desse jeito, você vai ter um casamento talvez mais durável.

Mesma coisa com relação aos filhos: se o pai é repressor com filhos, a tendência é que ele acabe perdendo esse contato e a direção que ele gostaria de dar para os filhos. Não que eu queira que eles tenham uma profissão específica, mas você tem de ter uma forma para influenciar os filhos, principalmente na fase pequena.

E, se você não criar um diálogo com eles, você não vai conseguir trabalhar isso. Eu gostaria de ter influência sobre como ele estuda, mas também como ele se relaciona com as outras pessoas, como ele tem uma visão do mundo. Por exemplo, ele vai para uma escola particular, onde o dinheiro é muito importante. Então, o carro é importante. Ele vive condenando o meu carro, dizendo que ele é velho: “Pai, quando vai trocar seu carro?” Então, você tem de trabalhar essas coisas porque ele sofre outras influências. No futuro, pode ter drogas, pode ter aids, pode ter qualquer coisa. Você tem de estabelecer um certo diálogo até para apresentar a essa criança. Porque a sociedade em que nós vivemos já não deixa mais espaço para o patriarcalismo, nem se alguém quiser ter esse estilo. Não que eu queira, porque o meu pai não foi patriarcalista, ao contrário.

**Giselle** – *O seu pai sempre quis que você estudasse, tanto que você foi morar nos EUA. A relação que o senhor tem hoje com os seus filhos teve influência da criação que o senhor teve?*

A simpatia de Jawdat permeia seu discurso. Portanto, à transcrição faltam os risos constantes e as expressões faciais do entrevistado.

**Jawdat** – O meu pai era um homem muito liberal. A minha mãe era mais conservadora do que meu pai. A sua única preocupação era a de que eu me envolvesse em problemas políticos, eu acabasse me ferindo ou morrendo etc. E, ao mesmo tempo, ele tinha uma certa... não admiração pelos EUA, mas ele achava que talvez a melhor educação que você tem no mundo é a de lá. Então, se você quiser ter uma criança que um dia vai ter uma certa autonomia futura, manda para uma boa universidade americana. Essa era mais ou menos a cabeça dele. Mas ele era extremamente liberal porque eu podia sair, podia voltar para visitar minha família. Eu saía à noite, voltava e ele nunca me perguntou nada. Meu pai era muito liberal, liberal demais até. Eu acho que eu sou mais conservador com os meus filhos do que o meu pai.

**Amanda** – E esse comportamento dele se estendia a sua irmã?

**Jawdat** – Sim, com minha irmã era igual. Minha irmã foi comigo, estudou comigo nos Estados Unidos, voltou e nunca teve problema com isso. Não, ao contrário, ele dizia sempre para mim que tinha de criar uma mulher autônoma para poder se proteger de qualquer marido – “porque ela pode casar-se com uma pessoa complicada, então vai ter de ter estudo, tem de ter autonomia, tem de ter decisão pra um dia virar as costas e dizer ‘eu não quero’, e ir embora”.

**Natália** – A Gabriela, sua filha, falou que a segunda opção dela no vestibular foi Ciências Políticas e que você não gostou muito. Por quê?

**Jawdat** – Não gostei porque ela opta por coisas sem

saber pelo que ela está optando. *(risos de todos)* Ela foi à Espanha, viu o Gaudí (*Antoni Gaudí (1852-1926), arquiteto espanhol famoso por desafiar o equilíbrio estrutural em obras muito pessoais, quase todas erguidas em Barcelona e adjacências, na Espanha*), se empolgou e queria estudar arquitetura. Ela foi assistir a um debate meu lá no Encontro dos alunos da Comunicação *(o entrevistado se refere ao Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, Enecom, ocorrido em julho de 2004 em*

“Eu acho que o brasileiro, quando estuda a sociedade, estuda a sua prática. Tem muito mais preocupação de como é o poder”.

*Fortaleza. Jawdat dividiu a mesa da última palestra com o líder do MST João Pedro Stédile e com o deputado federal João Alfredo (PT-CE)) e queria virar cientista político. Eu disse: “Ah, não pode ser desse jeito; simplesmente porque viu o prédio do Gaudí vai virar arquiteta; porque me viu conversar sobre a política vai virar agora cientista político”. Tem de sentar e saber o que você quer na vida. Ela é um pouco impulsiva, assim: “Ah, ah, vou fazer isso, vou fazer aquilo”. Depois, uma hora: “Ah, acho que vou estudar Engenharia de Florestamento”. Eu não gostei porque se fosse uma opção dela que, de fato, quisesse estudar Ciências Políticas, tudo bem. Mas é uma coisa bem impulsiva: “Ah, eu quero estudar isso”. Então pronto. Eu fico*

preocupado porque amanhã ela vai fazer o vestibular, passa ou não passa, depois vai mudar e fica aquela confusão na cabeça dela.

**Juliana** – *Jawdat, o nome do seu filho Ahdé é explicado por meio de uma tradição árabe que você decidiu manter. Mas, ao mesmo tempo, você batizou na Igreja Católica os seus dois filhos. Em algum momento é estranho para você conviver com a cultura vigente local e outra que você tenta seguir?*

**Jawdat** – Deixa eu explicar essa história do batismo... *(rindo)* Eu, como não sou muito religioso, sou agnóstico... O que aconteceu é que a Gabriela chegou dizendo pra mim: “Pai, eu não sou batizada?” – “Não.” – “Por quê?”. É esse negócio do pagão. Essa foi uma coisa que eu não percebi, mas que é muito importante no Brasil: o ato do batismo, que significa que você está salvando alguém do paganismo. Ou seja, está criando um rótulo de civilizado para essa pessoa. Então, eu, um dia, disse para a Mônica: “Sabe de uma coisa? Essa galera está falando tanto desse batismo, vamos batizar os dois para encerrar esse assunto? Desse jeito, ninguém mais vem falar em batismo, e que ela não foi batizada e não sei o quê”. Então, um dia eu disse à Mônica: “Fala com a dona Nilza *(Farias, ex-sogra de Jawdat, mãe da primeira esposa Regina Farias)*, para gente um dia ir para a igreja”. A dona Nilza, que conhece muitos padres e é muito católica, contactou um padre e eles foram batizados com quase umas 500 pessoas, aquele batismo em massa *(risos)*. Pronto, está batizado. “E agora, o que você quer?”.



Devido à peculiaridade do discurso do entrevistado, sinais de pontuação da gramática como “;”, “-” e “.” foram bastante questionados pela equipe durante a edição.

Ao final da entrevista, o professor Jawdat transpirava e confessou que estava muito mais tenso do que durante a pré-entrevista. O motivo? Os sete gravadores postos sobre a mesa à sua frente.



Após a última resposta, Jawdat disse, em tom ri-sosho: “Uff! Que sabatina, hein?”.

**Giselle** – *O Ahed já foi naturalmente...*

**Jawdat** – Não, eu disse mais uma coisa: “Vamos fazer logo os dois batismos e encerrar o assunto”. O Ahed e a Gabi estudam em escolas que não têm ensino religioso. Como o ambiente da família da Regina é muito católico, de fato é uma família bem tradicional, esse assunto apareceu com mais frequência, porque a dona Nilza frequenta muito a igreja, e a Gabi é muito ligada à dona Nilza – ela é quase sua mãe. Aonde ela vai, vai a Gabriela. Então, eu acho que isso a influenciou. Eu disse: “Pronto, vamos resolver essa questão”. E isso nunca mais apareceu, por incrível que pareça. Isso mostra que, no fundo, a religião no Brasil é muito mais rito do que, de fato, crença. Porque nunca mais apareceu esse negócio do batismo. Então, foi mais ou menos uma forma de preservar as crianças desse estigma, de você insistir sobre uma coisa que, no fundo, não tem muita importância. Chega um padre, bota um pouquinho de água e batiza a criança. Jesus Cristo foi batizado no rio Jordão, que fica a 40 km de onde eu moro; grande coisa! Ou seja, o que significa?

**Raquel** – *Jawdat, note-se que você se adaptou muito bem ao Ceará, construiu sua vida afetiva e profissional por aqui. Mas em algum momento você já pensou em retornar a Jerusalém?*

**Jawdat** – Sim, já. Inclusive também em mudar de domicílio, para outro canto. Fortaleza é uma cidade muito aberta, liberal, mas que também tem um certo limite. Ela é relativamente conservadora. É uma das cidades brasileiras onde, talvez, a família

seja o elemento mais importante. Então, nesse sentido, é uma sociedade muito acolhedora, mas, ao mesmo tempo, também conservadora. Eu pensei talvez em São Paulo e Brasília; seriam cidades até mais amplas em termos acadêmicos – porque uma hora você sente certos limites de crescimento. Como também tudo no Brasil é concentrado naquela região, você, de fato, tem uma certa marginalização em Fortaleza.

**Raquel** – *Você já recebeu algum convite de outras universidades brasileiras?*

“Eu acho que dá pra sentir que o Oriente Médio está mudando. E é uma mudança muito grande”.

**Jawdat** – Na verdade, eu recebi convite da UNB (*Universidade de Brasília*), mas, na época, eu não aceitei. Eu queria negociar com eles a transferência, e eles tinham dificuldade com isso. Para a Mônica também, como é professora da Uecc (*Universidade Estadual do Ceará*), seria muito difícil. E também, na hora ‘H’, eu achei que talvez até não fazia muita diferença, porque, como eu comecei uma vida em Fortaleza, ir para a UNB para fazer quase a mesma coisa não acrescentaria muito. Então, eu decidi estudar o Ceará, talvez para poder entender melhor essa sociedade na qual eu me sinto incluído e excluído ao mesmo tempo. Agora estou estudando a história do Ceará para entender por que essa sociedade é tão peculiar no Brasil.

**Raquel** – *Mas o retorno a Jerusalém está nos seus planos?*

**Jawdat** – Não, acho que não. Acho que não vou me adaptar bem. Toda vez que eu vou pra lá, o primeiro mês é ótimo, mas depois... é uma cidade muito pequena, Jerusalém. Muito pequena e muito isolada. Então, depois de um ou dois meses, de fato, você tem um certo tédio. É uma cidade interiorana, quase. Era uma cidade muito cosmopolita, mas hoje é uma cidade quase vazia. Então, eu acho que não.

**Amanda** – *Esse esvaziamento se deu até pelo acentuamento, nos últimos anos, dos conflitos?*

**Jawdat** – Sim, os israelenses cercaram Jerusalém; não permitem a entrada de outros palestinos na cidade. E também Jerusalém sempre foi uma cidade muito, relativamente, elitista. É uma cidade muito fechada.

É uma cidade cosmopolita porque você tem muitos estrangeiros lá o tempo todo. Mas é, ao mesmo tempo, uma cidade família. Então, você vai voltar para Jerusalém, você vai viver na sua família. E essa é uma coisa que eu acho que não me adapto mais, viver dentro de uma família ali, tendo essa vida muito intensa de relações familiares. De você jantar na casa da irmã, almoçar na casa do irmão, visitar o tio, tátatá. Acho que isso talvez fazia parte da minha vida quando eu era criança. Mas hoje, de fato, eu não me adaptaria mais a esse tipo de vida familística muito intensa.

**Giselle** – *Além da tradição de trazer o nome do pai para colocar no filho, quais outras tradições, modos de vida do cotidiano árabe-palestino você trouxe para sua*

“Na primeira entrevista [referindo-se à pré-entrevista] eu estava bem mais espontâneo, mas nessa aqui, com tanta gente, eu comecei a ficar um pouco nervoso”, arrematou.

vida, para a sua casa, para o seu trabalho, no Ceará?

**Jawdat** – Eu acho que eu não percebo se eu estou trazendo alguma coisa do passado ou não. Normalmente, as pessoas percebem; eu não sei. Ou seja, eu, talvez, possa fazer isso. Essa prática é muito espontânea. Mas eu não percebo se é um jeito palestino ou árabe de se comportar. Quem vai julgar é vocês, ver a diferença.

**Amanda** – Alguém já chegou mais diretamente para falar “nossa, que atitude diferente, essa”. Alguém já chegou mais diretamente para você afirmando isso?

**Jawdat** – Não, assim, às vezes as pessoas falam... Por exemplo, Mônica acha que eu sou muito recolhido, que eu sou muito privado, que eu não sou muito aberto. Pode ser a influência palestina, não sei. Ela acha que eu não tenho muitas amizades fora do meu mundo do trabalho. Pode ser. Eu não saio muito, então pode ser, não sei. Mas também pode ser um jeito pessoal, porque tem muitos brasileiros desse jeito. Então, eu não posso, de fato, identificar uma coisa muito específica que eu possa dizer “Eu herdei do passado” ou “Eu tenho consciência de que pratico para preservar uma certa identidade”.

**Giselle** – A sua filha Gabriela falou que se lembra do pai dela como uma pessoa que cuida muito da casa. Isso também vem da cultura ou é seu mesmo?

**Jawdat** – Acho que é o meu jeito. Eu gosto de tomar conta do jardim, e eu não saio muito. E ela gosta de sair. Então, quando ela vem para cá é uma briga – porque ela quer ficar na casa da avó dela, onde

tem uma grande festa: os primos, os tios, não sei o quê. Eu estou aqui, ela vem pra cá e, de fato, não tem muito movimento. Ela fica meio frustrada. Passa um dia, dá uma briga, ela quer ir embora.

**Gabriel** – Você falou que não se sente 100% palestino, nem 100% brasileiro. Mas você acha que aqui você se encontrou, encontrou o lugar onde vai morar, ou esses planos de se mudar, de procurar outra cidade, até mesmo no Brasil, são muito fortes na sua cabeça?

“O enterro do Arafat foi mais ou menos o seu retrato verdadeiro. O povo atacando ele, querendo roubar o seu caixão...”

**Jawdat** – Não. Alguns anos atrás, eu tive essa idéia, em certos momentos de frustração profissional. Mas isso acontece com qualquer um, acontece com muitos cearenses. Um dia, ele quer morar em São Paulo porque uma hora acha que o Ceará é o fim do mundo. Isso não acontece? Acontece. A pessoa uma hora acha que aqui já é uma periferia, que uma hora não vai conseguir mais fazer nada. Então, isso acontece comigo e acontece com muitos colegas. Acontece. Como o irmão da Mônica (Luiz Hermano Façanha Farias), um artista plástico que, aqui no Ceará, nunca teve espaço, e foi para São Paulo e é um dos mais importantíssimos artistas plásticos do Brasil.

Então, é muito importante a saída dos pensadores ce-

arenses: Capistrano de Abreu foi embora (Capistrano de Abreu, cearense de Maranguape nascido em 25 de outubro de 1853, é considerado o patrono da historiografia brasileira), Araripe Júnior foi embora (Jornalista, advogado, político, magistrado e escritor, nasceu em Fortaleza em 27 de junho de 1848, e compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras, fundando a Cadeira nº 16). Então, é uma mania. O cearense às vezes se sente um pouco frustrado no Ceará e quer crescer. Então ele abandona o Ceará e, de fato, cresce. Porque às vezes há limites aqui. O Ceará é um Estado que tem limites. Limites internos de espaço que dá aos seus intelectuais, não só no meu caso, mas aos próprios cearenses. O cearense

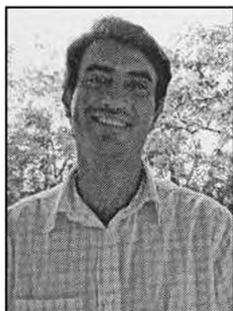
quando sai, de fato, tem um grande desempenho. Muitas pessoas que tem potencial ficam aqui e você nunca descobre esse potencial. Não é por acaso que você tem grandes nomes do Ceará fora. E se tornaram grandes nomes porque deixaram o Ceará. Se as pessoas ficassem aqui, não seriam nada. Um Araripe Júnior, que é o fundador da Academia Brasileira de Letras, não seria o mesmo. Não teria Capistrano de Abreu, você não teria outros importantes pensadores.

Ou seja, esse é um dos problemas que não somente o Ceará tem, mas todas as regiões periféricas. Uma hora não dão condições para deslanchar essa sociedade, suas potencialidades. Então, você sente essa frustração em certos momentos e você quer deixar.



Terminados os trabalhos, Mônica ofereceu um lanche para todos. Foi servido bolo de chocolate, bolo branco e refrigerante.

Ao final da entrevista, três dos alunos afirmaram que a pergunta mais mal colocada havia sido sua.



Na avaliação do entrevistado, quando se discutiu o charme do entrevistado, o professor Ronaldo Salgado exclamou: "o homem é lindíssimo!!!" (os pontos de exclamação são do próprio emissor).

A trilha sonora da edição desta entrevista foi a música "Complicated", da cantora pop Avril Lavigne. A melodia foi repetida à exaustão pela irmã mais nova da estudante Natália.

Você faz uma coisa e publica, mas, de fato, não tem a mesma projeção. Um cara que está em São Paulo tem mais porque São Paulo é São Paulo. E o paulista pode escrever qualquer coisa, pode até não ser uma grande contribuição, mas é de São Paulo, é da USP (*Universidade de São Paulo*). Pronto, então, é a obra mais importante. Então, você tem esse problema, essa frustração. Porque você às vezes trabalha, trabalha, trabalha, faz uma coisa muito boa, mas, como a academia é muito concentrada no Brasil, você é marginalizado. Você cria uma imagem do cearense, do professor da Universidade Federal do Ceará, pode ser cearense ou não cearense; como talvez o professor da segunda categoria, da segunda qualidade, do segundo padrão. Não é o mesmo padrão da USP, da Unicamp (*Universidade de Campinas*), do Rio Grande do Sul, ou de Brasília. Então, essa é uma frustração para um pesquisador, para um professor universitário, para um escritor, para um artista plástico, para um médico, para um jornalista, todas as profissões.

**Gabriel** – *E o que faz você continuar no Ceará mesmo não tendo nascido aqui, não tendo todos os direitos políticos, não tendo uma certa...*

**Jawdat** – Não, eu tenho todos os direitos políticos. Eu acho que, primeiro, a família é um elemento muito importante. Dois: o ambiente universitário, que eu conheço, em que eu estou muito bem inserido. A cidade é muito agradável. Fortaleza é uma cidade bonita, agradável, calma; é uma cidade muito interessante em termos de uma vida mais pacata, não tem aqueles centros

---

**"O problema é que o lado israelense é um lado muito ideológico, muito fechado; é muito difícil negociar com Sharon. Muito difícil!"**

---

urbanos muito chatos de São Paulo, Rio de Janeiro. E eu acho que o cearense é mais leve. Você encontra às vezes um intelectual paulista que vem com aquela prepotência, e você fica até meio decepcionado: "Será que todos lá em

São Paulo vão ter essa postura?" Talvez é melhor ficar aqui no Ceará, onde as pessoas são bem mais acessíveis, bem mais dadas, do que ir para aquele centro paulista onde todos acham que são donos do mundo, todos acham que são donos da verdade, todos rotulam, colocam as pessoas dentro de uma visão pré-concebida. Então, você fica um pouco receoso de deixar o Ceará e talvez não encontrar fora outra coisa à altura. Então, você fica basicamente dizendo: "Ah, tudo bem. Eu acho que talvez o Ceará tenha seus méritos e suas qualidades". Uma coisa compensa a outra.

**Giselle** – *Objetivamente, qual a visão que o Jawdat tem do Jawdat?*

**Jawdat** – (*Risos*). Olha, eu não sei. De fato, eu não penso... Eu acho que hoje eu sou bem mais maduro, bem mais calmo do que eu era no passado. Eu era muito mais intenso, eu tinha necessidade de fazer coisas... E hoje eu sou bem mais tranquilo, em todos os aspectos: sociais, acadêmicos, culturais, na família, em todos os sentidos. Eu não sei... A pessoa não fica se examinando o tempo todo... **E**